



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Formação de Professores

Elisângela Ferreira Rodrigues Alves


**Evidências sobre a representação de construções de felicitação e de
expressão de desejo instanciadas por internautas surdos**

São Gonçalo

2021

Elisângela Ferreira Rodrigues Alves

**Evidências sobre a representação de construções de felicitação e de expressão de desejo
instanciadas por internautas surdos**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior

Coorientadora: Prof.^a Dra. Lia Abrantes Antunes Soares

São Gonçalo

2021

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/D

A474 Alves, Elisângela Ferreira Rodrigues.
Evidências sobre a representação de construções de felicitação e de expressão de desejo instanciadas por internautas surdos / Elisângela Ferreira Rodrigues Alves. – 2021.
88f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior.
Coorientadora: Prof.^a Dra. Lia Abrantes Antunes Soares
Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Língua portuguesa – Português escrito – Teses. 2. Aquisição da segunda língua – Teses. 3. Surdos – Educação – Teses. I. Freitas Junior, Roberto de. II. Soares, Lia Abrantes Antunes. III. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Formação de Professores. IV. Título.

CRB/7 - 4994 CDU 806.90-056.263

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Elisângela Ferreira Rodrigues Alves

**Evidências sobre a representação de construções de felicitação e de expressão de desejo
produzidas por internautas surdos**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos Linguísticos

Aprovada em 17 de dezembro de 2021

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Roberto de Freitas Junior
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof.^a Dra. Lia Abrantes Antunes Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Marcos Luiz Wiedemer
Faculdade de Formação de Professores - UERJ

Prof.^a Dra. Rossana Alves Rocha
Instituto Nacional de Educação de Surdos

São Gonçalo

2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a Deus, à minha família (Meu esposo Osvaldino e aos nossos filhos Davi, Miguel e Bella) que tanto me apoiam. Dedico aos meus pais que lutaram incansavelmente para nos proporcionar a educação em todos os sentidos. Dedico à grande amiga Myllena Paiva que me deu todo suporte teórico e emocional para chegar aqui. Dedico aos meus alunos que sempre me instigam a buscar mais conhecimentos e, em especial, à Mileni Soares, minha eterna aluna (surda) que me motiva até hoje na busca do ensino de qualidade de Língua Portuguesa como segunda língua do surdo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por esta oportunidade. Agradeço ao meu esposo e aos meus filhos pela paciência, pela compreensão e por todo apoio. Agradeço aos meus orientadores por compartilharem seus conhecimentos comigo.

E Jesus disse-lhe: Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê. Marcos 9:23

Bíblia Sagrada

RESUMO

ALVES, Elisângela Ferreira Rodrigues. *Evidências sobre a representação de construções de felicitação e de expressão de desejo produzidas por internautas surdos*. 2021. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

Fundamentado em pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; HILPERT, 2014; BYBEE, 2010 e HOFFMANN & TROUSDALE, 2013) e na Gramática de Construções Diassistêmica (HÖDER, 2018 e HILPERT, 2014), este estudo investiga a produção de enunciados escritos, especificamente aqueles com função de (a) felicitação e de (b) expressão de desejo, encontrados em postagens de internautas surdos em redes sociais. Esses enunciados, materializados por construções do tipo (a) e (b) convencionalizadas em português brasileiro (PB) e que frequentemente coocorrem em eventos de uso cotidiano, costumam ser curtos e apresentar construções prototípicas, tais como: “Parabéns, amiga!”, “Muitas felicidades” e “Tomara que dê certo”. Enunciados com as mesmas funções também integram a LIBRAS e se materializam em construções de fala sinalizada. Considerando aqueles brasileiros surdos que interagem em sociedade por meio de duas línguas em contato, a LIBRAS e o PB escrito, os usos de cada uma dessas línguas se distribuem em determinadas práticas sociais relacionadas à sinalização e outras relacionadas à escrita. Em práticas escolares, por exemplo, estudos com a população surda reportam média insuficiente de desenvolvimento da leitura e da escrita, ao fim da educação básica (SOARES, 2020b; 2021). Fora da escola, esse grupo interage via escrita em redes sociais, sem intervenção formal. A partir desse contexto, elaboramos nossas perguntas de pesquisa e que resumem nossa hipótese: (i) em situações de uso do PB, como surdos usam construções de alta frequência nessa língua, como as investigadas neste estudo? e (ii) sendo o gênero postagem em redes sociais uma instância cotidiana de uso do PB escrito, o que o texto que materializa as construções que expressam felicitação e desejo pode revelar sobre a representação da gramática dos internautas surdos? Dessas duas perguntas iniciais, definimos o objetivo deste estudo: identificar a natureza do conhecimento construcional multilíngue de internautas surdos via enunciados de felicitação e expressões de desejo no contexto de escrita do PB como L2. Para tanto, coletamos os dados de cinco corpora: fóruns/chats do Facebook e/ou do Instagram das instituições INES, TV INES e APADA de Niterói. As 90 postagens coletadas se constituem por enunciados em que ocorrem construções, tais como [PARABÉNS X]_{FELICITAÇÃO} e [(X) (QUE) S V X]_{DESEJO}. Para a análise das construções, usamos sete categorias propostas no estudo de Freitas *et al.* (2018) e mais uma relativa à pontuação que se mostrou adequada aos tipos de dados. Como parte das análises, confrontamos nossos resultados às categorias e aos resultados de Freitas *et al.* (2018), as análises mostram ocorrências para todas as categorias propostas. Sugerimos que nossos resultados podem motivar novas pesquisas na área de aquisição de segunda língua e nortear propostas de metodologias de ensino de L2 para surdos. Observamos que as categorias que apresentaram maior ocorrência foram a Pontuação (criada nesta pesquisa após percebermos essa incidência crescente), seguida da categoria Apagamento de itens lexicais/gramaticais e as categorias Problemas de Concordância Nominal e Troca de itens lexicais ou gramaticais com o mesmo quantitativo. Por fim, Fusão de construções da língua alvo e Inserção indevida de itens lexicais/gramaticais que também apresentaram um quantitativo semelhante. A partir das informações percentuais do gráfico, verificamos que os problemas relacionados à Pontuação

são os que apresentam maior índice. Em quase todos os enunciados de felicitação/expressão de desejo foram encontrados problemas de ordem textual como consequência da ausência ou troca de pontuação. A segunda categoria observada foi Apagamento de itens lexicais/gramaticais, seguida da categoria Problemas de Concordância Nominal.

Palavras-chave: Construção. Português brasileiro escrito. Segunda língua. Surdos. Gramática de Construções Diassistêmica.

ABSTRACT

ALVES, Elisângela Ferreira Rodrigues. *Evidences on the representation congratulation and desire constructions activated by deaf internet users*. 2021. 88 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2021.

Based on assumptions of Usage-Based Construction Grammar (GOLDBERG, 2006; HILPERT, 2014; BYBEE, 2010 and HOFFMANN & TROUSDALE, 2013) and Diasystemic Constructions Grammar (HÖDER, 2018 and HILPERT, 2014), this study investigates the production of written utterances, specifically with the function of (a) congratulations and (b) the expression of desire, found in posts by deaf Internet users on social networks. These utterances, materialized by constructions of the type (a) and (b) conventionalized in Brazilian Portuguese (BP) and which frequently occur in everyday events, are usually short and present prototypical constructions, such as: “Parabéns, amiga!”, “Muitas felicidades” and “Tomara que dê certo.” Similar statements are also part of LIBRAS. We consider deaf Brazilians who interact in society through two languages in contact, LIBRAS and written BP, for the study. Some of their uses of each of these languages are distributed in certain social practices related to signaling and others are related to writing. In school practices, for example, studies with deaf population report insufficient reading and writing development average at the end of basic education (SOARES, 2020b; 2021). Outside school, this group interacts via writing on social networks, without formal intervention. From this context, we elaborated our research questions (i) in real usage of BP, how do deaf people use high frequent constructions in this language, like those investigated in this study? (ii) since the genre of posting on social networks is an everyday instance of the use of written BP, what can these texts reveal about the grammar representation of deaf internet users? From these initial questions, we defined the objective of this study: to seek evidence in writing about the representation of the constructions in focus, having as a basis for investigation the cognitive processes that act in their production. For this purpose, we collected data from five corpora: forums/chats on Facebook and/or Instagram from INES, TV INES and APADA from Niterói. The 90 posts collected consist of statements in which constructions occur, such as [PARABÉNS X] e [(X) (QUE) S V X]_{DESEJO}. To analyze the constructions, we used seven categories proposed in the study by Freitas et al. (2018) and one more related to the score that proved to be adequate for the types of data. As part of the analyses, we compared our results to the categories and results of Freitas et al. (2018), the analyzes show occurrences for all the proposed categories. We suggest that our results can motivate further research in the area of second language acquisition and guide proposals for L2 teaching methodologies for the deaf.

Keywords: Construction. Brazilian Portuguese written. Second language. Deaf Grammar of Diasystemic Constructions.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Tabela 1 –	Quantitativo de textos por instituição	50
Quadro 1 –	Amostra de ocorrências nas postagens coletadas	50
Tabela 2 –	Inserção Indevida de itens lexicais/gramaticais	54
Tabela 3 –	Repetição de itens lexicais/ gramaticais	56
Tabela 4 –	Troca de itens lexicais/gramaticais	58
Tabela 5 –	Apagamento	60
Tabela 6 –	Problemas de concordância e de troca de modos e tempos verbais	62
Tabela 7 –	Problema de concordância nominal	64
Tabela 8 –	Fusão de construções da língua alvo	65
Tabela 9 –	Ocorrências das categorias por instituição e por redes sociais	70
Gráfico 1 –	Percentual da frequência de todas as categorias	71
Tabela 10 –	Comparando os estudos	72
Quadro 2 –	Submodelos para planos de aula	76

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	Aquisição de Segunda Língua
IL's	Interlíngua (s)
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LA	Língua Alvo
LP	Língua Portuguesa
PB	Português Brasileiro
PBL2	Português Brasileiro como Segunda Língua
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
DP	Sintagma Determinante
LSB	Língua de Sinais Brasileira
GCD	Gramática de Construções Diassistêmicas
GC	Gramática de Construções
GCBU	Gramática de Construções Baseada no Uso
PCDG	Processos Cognitivos de Domínio Geral

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	13
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
1.1	Gramática de Construções Baseada no Uso	17
1.2	Gramática de Construções Diassistêmica (GCD)	26
2	REVISÃO DA LITERATURA: AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA E MBUS	32
2.1	A hipótese da Interlíngua	32
2.2	Modelo de competição	35
2.3	Modelos Baseados no Uso	36
3	HIPÓTESE	44
4	OBJETIVOS	45
4.1	Objetivo Geral	45
4.2	Objetivos Específicos	45
5	METODOLOGIA	46
5.1	De onde se parte?	46
5.2	Procedimentos de coleta de dados	47
5.3	Etapas e categorias para análise de dados	48
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS	50
6.1	Mapeamento, classificação e quantitativo	50
6.2	Categorias desviantes: evidências sobre a representação das construções ..	51
6.2.1	<u>Inserção indevida de itens gramaticais/lexicais</u>	52
6.2.2	<u>Repetição de itens lexicais e gramaticais</u>	55
6.2.3	<u>Troca de itens lexicais e gramaticais</u>	56

6.2.4	<u>Apagamento de itens gramaticais</u>	59
6.2.5	<u>Problemas de concordância e de troca de modos e tempos verbais</u>	61
6.2.6	<u>Problemas de concordância nominal</u>	62
6.2.7	<u>Fusão de construções da língua alvo</u>	64
6.2.8	<u>Pontuação</u>	66
6.3	As ocorrências das categorias nas redes sociais de cada instituição	70
6.4	Comparando os estudos	72
7	CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LP/LIBRAS	76
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	84

INTRODUÇÃO

O interesse por estudos sobre aquisição de segunda língua, tendo como público-alvo aprendizes surdos, se revela no crescente número de pesquisas que visam descrever como construções de uma língua sinalizada podem impactar o uso da L2 escrita. Esta pesquisa se alinha a tal interesse e se amplia, considerando as explicações baseadas nos vários mecanismos cognitivos atuantes na constituição do conhecimento linguístico de surdos usuários da LIBRAS e do PB. Decorre desse interesse o objetivo de buscar evidências, no contínuo mais espontâneo da escrita, sobre a representação de construções com função de felicitação e de expressão de desejo e sobre os processos que atuam em sua produção.

Construções com esses dois tipos de função frequentemente coocorrem em eventos de uso tanto em LIBRAS quanto em PB, no entanto, sua materialização se diferencia não só em termos de modalidade (sinalizada *vs.* escrita), mas também em relação aos itens lexicais/gramaticais que preenchem os *slots* das construções. Em sua face mais abstrata, por exemplo, as construções sintáticas podem coincidir nas duas línguas, em relação aos *slots* convencionalizados pelo uso, como se pode observar no padrão mais esquemático [SN SN] e até no semi esquemático [FELIZ X].

A aprendizagem desses e de outros padrões do PB costuma depender de instrução explícita, ou seja, de ensino formal dessa língua em sua materialização escrita. Nesta via, encontramos um obstáculo: a disciplina escolar de Língua Portuguesa, para ouvintes e para surdos, em geral, prioriza práticas classificatórias de constituintes gramaticais e não focaliza o desenvolvimento da competência comunicativa, seja falada, seja escrita. No entanto, usar uma língua demanda conhecimento combinado do léxico e da gramática a ser recrutado para expressão das intenções comunicativas. Para isso, há necessidade de compreender que o uso da linguagem altera conforme os contextos (as situações) e que o sentido das palavras se constrói da combinação com outros elementos linguísticos e extralinguísticos. Essa reflexão nos leva ao ponto desta pesquisa: as construções aqui investigadas configuram combinações de itens com alto grau de composicionalidade em relação à forma e, em relação ao significado, não se limitam à soma de significados.

Estudos que abordam questões sobre ensino de português brasileiro como segunda língua (PBL2) para surdos, em perspectiva construcionista (FREITAS, 2020; 2021; NASCIMENTO; CASTANHEIRA, 2020; SOARES, 2020; SOARES; FREITAS, 2021), sugerem que as práticas sejam conduzidas por atividades que abranjam o uso da língua, como

a produção e a compreensão de textos escritos, a exemplo das propostas de unidades didáticas encontradas em Freitas; Soares; Nascimento (2020; 2021). As duas publicações trazem propostas teórico-metodológicas e práticas para ensino de PB para aprendizes surdos. Para tal, o foco no trabalho com construções oferece uma boa base sobre o funcionamento da L2, sendo fundamental para práticas sociais autônomas.

A lacuna no ensino de LIBRAS e de PB escrito na escolarização de surdos acaba por interferir no desempenho comunicativo dos aprendizes. Essa interferência ocorre devido às escolhas metodológicas inadequadas, isto é, selecionar uma metodologia específica de ensino de L1 no contexto de ensino de uma L2. Outro obstáculo é fazer uso de materiais didáticos que não foram elaborados para este fim, ou seja, para o ensino de uma segunda língua. Como também não considerar as especificidades da L1 (Libras) destes indivíduos. Ouvintes e surdos podem ter dificuldade para compreender construções de línguas estrangeiras ou adicionais, mas, para os aprendizes surdos, as barreiras são ainda maiores e mais frequentes, porque o ensino da L2 não se efetiva como deveria ser. O ensino para surdos é ministrado, na maioria das vezes, seguindo as mesmas metodologias de ensino de PB como L1 do ouvinte. Fora do Brasil, a situação não é muito diferente. Soares (2021c) reporta estudo de Andrews *et al.* (2015) sobre a capacidade média de leitura em inglês, atingida por surdos americanos depois que terminam a educação básica. Os autores indicam que o nível de leitura é comparável ao de leitores com o 4º ano de escolarização.

Segundo os PCN:

Um escritor competente é, também, capaz de olhar para o próprio texto como um objeto e verificar se está confuso, ambíguo, redundante, obscuro ou incompleto. Ou seja: é capaz de revisá-lo e reescrevê-lo até considerá-lo satisfatório para o momento. É, ainda, um leitor competente, capaz de recorrer, com sucesso, a outros textos quando precisa utilizar fontes escritas para a sua própria produção. (PCN, 1997, p. 48)

Sendo assim, esta pesquisa se justifica pela necessidade de mais conhecimento sobre os resultados da escolarização no desenvolvimento do sistema linguístico usado por essa população em eventos de uso da escrita, especificamente, nas redes sociais. A partir desse contexto, elaboramos nossas perguntas de pesquisa (i) em situações de uso do PB, como surdos usam construções de alta frequência nessa língua, como as investigadas neste estudo? (ii) sendo o gênero postagem em redes sociais uma instância cotidiana de uso do PB escrito, o que o texto que materializa as construções que expressam felicitação e desejo pode revelar sobre a representação da gramática dos internautas surdos?

A pesquisa foi dividida em 5 capítulos. No primeiro capítulo, intitulado **Fundamentação teórica**, apresentamos o embasamento teórico; fundamentamos este trabalho no modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU): um modelo que vem conquistando espaço no panorama construcionista. Nesta perspectiva, toda a experiência linguística dos falantes, isto é, o uso concreto da língua na interação comunicativa, influencia o conhecimento linguístico subjacente. Desta forma, destaca-se que o conhecimento linguístico do falante é construído por exposição ao *input*. Esta pesquisa fundamenta-se também na Gramática de Construções Diassistêmica (GCD; subseção 1.2) sob a ótica de Höder (2018). A GCD dedica-se à investigação dos fenômenos de contato de linguagem e consiste em um modelo que explica como um conjunto de dados advindos de sistemas distintos, com ou sem semelhanças de sentido ou estruturais, são experienciados, pelos falantes bilíngues, formando a gramática emergente em situação de contato. Ela pode ser definida como GCBU, enquanto for aplicada às circunstâncias de contato de linguagem e enquanto for comprometida com os princípios dos modelos baseados no uso.

No segundo capítulo, intitulado **Revisão da literatura: aquisição de segunda língua e MBUs**, apresentamos uma revisão de três modelos e hipóteses sobre aquisição de segunda língua. Discorreremos, ao longo dessa seção, sobre a hipótese da interlíngua (subseção 2.1) sob a ótica do propositor Larry Selinker (1972) e revisamos trabalhos que estudam o processo da interlíngua em textos produzidos por surdos (SALLES e PIRES, 2011; SALLES *et al.* 2015). Revisamos também estudos fundamentados nos modelos de competição sob a ótica de Bates e MacWhinney (1982; 1987 e PAIVA, 2014) que argumentam a favor deste modelo de competição da gramática. E, por último, revisamos os modelos baseados no uso (subseção 2.2) (FREITAS e NASCIMENTO, 2020 e ELLIS e colegas, 2008; SOARES, 2018; NASCIMENTO, 2020; FREITAS e NASCIMENTO, 2020 e FREITAS *et al.* 2018).

Antes de apresentar o terceiro capítulo, é importante salientarmos a diferença entre dois termos teóricos abordados nesta pesquisa: composicionalidade e entricheiramento. O processo de entricheiramento é a reorganização frequente e a adaptação, individual, do conhecimento comunicativo que está constantemente exposto à língua e ao uso dela, como também às exigências dos processos cognitivos de domínio geral e do ambiente social.

Já a composicionalidade, faz referência ao grau de transparência entre forma e significado. A composicionalidade é extensamente assumida como resultante de que podemos conferir significados a novas sentenças, tornando-a mais produtiva. A composicionalidade é baseada na existência de criatividade linguística: visto que podemos produzir e compreender frases inéditas e os seus significados devem ser alcançados em termos de composição.

No terceiro capítulo, intitulado **Metodologia**, nos propusemos a trabalhar com dados coletados de cinco corpora: facebook e instagram das instituições INES, TV INES e APADA de Niterói (referente ao INES, coletamos os dados somente do Facebook) (subseção 3.1 De onde se parte?). A proposta foi coletar uma quantidade significativa de produções de enunciados de felicitação/ expressões de desejo produzidas por surdos. A pesquisa se fundamentou na checagem das categorias de desvios de escrita em textos de surdos propostas por Freitas *et al.* (2018), apresentadas mais adiante, e na observação dos dados à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso e na Gramática de Construções Diassistêmicas para entender como a análise dos dados coletados contribuiu para revelar o que o usuário sabe da língua alvo, ou seja, sua familiaridade com construções do português escrito.

No quarto capítulo, intitulado **Análise e discussão de dados**, trazemos o mapeamento, a classificação e o quantitativo das categorias desviantes. Para isso, estabelecemos 3 etapas para análise quantitativa e qualitativa das amostras. As etapas são: (i) mapear os dados com função de felicitação e de desejo, encontrados em cada espaço virtual; (ii) selecionar e quantificar as amostras e (iii) identificar os tipos de inconsistências no uso das construções de felicitação e de desejo, seguindo as categorias propostas em Freitas *et al.* (2018) sendo: Inserção indevida de itens gramaticais, Repetição de itens lexicais/gramaticais, Troca de itens gramaticais/lexicais, Apagamento de itens gramaticais, Problemas de concordância e troca de modo e tempos verbais, Problema de concordância nominal, Fusão de construções da língua alvo e mais uma criada nesta pesquisa que é: Pontuação. Optamos por não investigar a categoria Traços da oralidade porque o gênero trabalhado nesta pesquisa, postagem em redes sociais, traz consigo característica da oralidade representada na escrita. Abordamos também as ocorrências das categorias nas redes sociais de cada instituição (subseção 4.3) e comparamos os resultados deste estudo com o estudo de Freitas *et al.* (2018) (subseção 4.4). No capítulo 5, intitulado **Contribuições da proposta para o ensino de LP/LIBRAS**, discorremos a respeito das contribuições desta pesquisa no ensino de PBL2 e ao longo do capítulo, abordamos sobre formação dos professores, material didático e leitura em L2. E, por fim, apresentamos as **Considerações finais** deste trabalho.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os Modelos Baseados no Uso (MBU) assumem, entre outros aspectos, que a estrutura linguística é decorrente da experiência com a língua. Essa experiência vem do ato comunicativo, ou seja, as interações sociocomunicativas dos falantes. De acordo com Melo e Freitas Jr. (2020, p. 3) “os MBU sustentam que habilidades sociocognitivas são usadas na aquisição de uma língua e enfatizam que a estrutura linguística emerge do uso, destacando a dimensão simbólica como essencial à linguagem”. Para compreendermos como funcionam esses modelos, apresentamos, a seguir, dois de seus representantes: a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) e a Gramática de Construções Diassistêmica.

1.1 Gramática de Construções Baseada no Uso

Gramática de Construções Baseada no Uso se constitui em um modelo teórico sobre a organização cognitiva da gramática, por sua vez, advinda das experiências linguísticas. Esse modelo adere aos pressupostos gerais dos Modelos Baseados no Uso.

Um componente central compartilhado pelos modelos teóricos construcionistas é a noção de construção. Goldberg (2013, p. 17) define construção como pareamentos convencionais de função e forma, armazenados em níveis variados de complexidade e abstração, ou seja, são pareamentos convencionais de forma-significado. As construções são convencionais porque são compartilhadas por grupos de falantes em uma comunidade linguística.

De acordo com Pinheiro (2016, p. 21), baseado em Croft (2005) e na literatura construcionista, a construção é uma entidade de duas faces: forma de um lado, ou seja, representações morfossintáticas e fonológicas, e do outro, o polo semântico que contempla sua função pragmática, a semântica e a discursiva. O autor exemplifica essa noção com o item ‘árvore’. Existem duas informações: de um lado as informações formais, representadas na sequência fonológica /aRvorI/, de outro lado, nos deparamos com as informações semânticas que é o conceito mental de árvore que o indivíduo possui, ou seja, o conceito mental é a reprodução da árvore que o usuário tem mais familiaridade. As relações forma-sentido/função são atualizadas conforme o uso, a cada experiência do usuário com esta palavra. A cada nova

experiência do usuário com uma determinada palavra, também, outro aspecto de informação pode ser integrado à rede.

Pinheiro declara que “palavras não são o único tipo de construção gramatical: padrões linguísticos abstratos e os idiomatismos também devem ser tratados como tais” (idem, p.22). Ainda, de acordo com o autor:

[...]palavras (como “árvore”) e expressões fixas (como “bom dia”) são construções inteiramente preenchidas, ao passo que esquemas argumentais (como SVO) e padrões entoacionais (como o padrão ascendente) são construções inteiramente abertas (ou abstratas, ou ainda esquemáticas). No meio do caminho, por fim, encontramos as construções parcialmente preenchidas, como esquemas morfológicos (do tipo RE + BASE VERBAL) e padrões sintáticos semifixos (como QUE MANÉ X). (PINHEIRO, 2016, p. 23)

O autor reitera que o conhecimento linguístico do indivíduo se configura como léxico ampliado e enriquecido que engloba milhares de unidades simbólicas, isto é, construções gramaticais de todos os tipos. Na prática, temos palavras, padrões entoacionais, esquemas morfológicos, estruturas sintáticas semipreenchidas e padrões sintáticos inteiramente abertos. O “léxico enriquecido” é na verdade chamado de *constructicon*, um termo resultante da fusão dos vocábulos “*construction*” (construção) e “*lexicon*” (léxico). Assim, como construções são o repertório linguístico do falante, este, no que lhe concerne, ao adquirir uma língua, aprende construções, isto é, das palavras aos padrões sintáticos inteiramente abertos.

Sobre a constituição do repertório linguístico, Hilpert (2014, p. 1) explica que para saber uma língua, o falante deve:

- saber palavras,
- saber como combinar palavras em frases e sentenças,
- saber como colocar as terminações certas nas palavras,
- ser capaz de entender palavras recém-criadas,
- saber que às vezes o significado é diferente do que é dito,
- saber que a língua varia em diferentes contextos,
- conhecer expressões idiomáticas.

O autor segue afirmando que mais itens podem ser adicionados à lista acima e que a descoberta de como cada item da lista interage com todos os outros também se faz necessária.

Ao validar a necessidade de que o falante deve conhecer construções, Hilpert evoca Goldberg (2003, p. 219), uma das teóricas da Gramática de construções: “*The totality of our*

knowledge of language is captured by a network of constructions: a 'construct-i-con'."¹ Para os autores, portanto, o conhecimento linguístico é modelado no *constructicon*: uma visão que nos remete a estrutura de uma grande rede de pares forma-significado, que contém palavras, expressões idiomáticas e padrões (semi) especificados.

Entendemos aqui a rede como uma teia grande formada por palavras e construções de natureza mais gramatical, que se ligam umas às outras de formas bem complexas e por diferentes modos de relações. Isto é, as construções gramaticais desenvolvem uma teia de unidades inter-relacionadas. Em suma: nosso conhecimento linguístico é um repositório estruturado de construções ligadas entre si.

A GCBU passou a ser investigada como um construto teórico a partir da segunda metade da década de 80 e questionava a visão de língua predominante da época, segundo a qual havia uma divisão rígida entre o léxico, o espaço das irregularidades e idiossincrasias, e a sintaxe, o espaço das operações regulares e puramente estruturais. Assim, a Gramática das Construções surge, criticando a concepção da divisão rígida entre o léxico e a gramática e defendendo que o conhecimento linguístico se constitui em um inventário estruturado de unidades simbólicas estabelecidas, que dispõem a forma e o significado/função.

A Gramática de Construções Baseada no Uso, a versão que trabalha com a perspectiva das experiências do indivíduo com a língua na formação da gramática, é mais recente e advém da mescla de princípios da GC, da Linguística Cognitiva e do Funcionalismo Americano.

A Gramática de Construções será considerada baseada no uso se ela se comprometer com a visão de que o conhecimento linguístico do falante surge a partir do uso concreto, isto é, a partir da experiência que o falante tem com a linguagem e o privilégio de que tal conhecimento se organiza a partir do emprego que o usuário da língua faz dos processos cognitivos de domínio geral.

De acordo com Lucena (2018), em estudo intitulado *Processos cognitivos de domínio geral: evidências em instanciações da construção transitiva*, os processos cognitivos de domínio geral operam constantemente e subjazem qualquer atividade da mente humana. Esses processos estão também imbricados na formação gramatical e atuam em interação com o uso linguístico. Dentre todos os processos existentes, abordamos nesta pesquisa: o *chunking*, a categorização, a analogia, a memória rica e a associação transmodal, que são tidos como os processos cognitivos de domínio geral mais fortemente associados à linguagem.

¹ Tradução: A totalidade do nosso conhecimento da linguagem é captado por uma rede de construções: um *constructicon*.

Chunking, segundo Bybee (2010), é um processo cognitivo pelo qual, na linguagem, sequências de unidades passam, aos poucos, a serem empacotadas juntas na cognição e acessadas como uma única unidade.

Quanto mais as sequências são repetidas em contextos de uso, mais salientes se tornam na cognição e são acessadas como uma única unidade complexa. Segundo Newell (1990 apud SOARES, 2018), *chunking* “é uma aprendizagem com a experiência” (p. 33), ou seja, quanto mais experiências acumular, mais *chunks* informativos serão construídos e armazenados na memória de longo prazo.

Os autores defendem que o processo de *chunking* organiza o armazenamento dos itens facilitando a recuperação da informação armazenada. De acordo com Hoffmann & Trousdale (2013, p.54) a habilidade de *chunking* diz respeito ao:

O armazenamento de unidades complexas na memória, como frases ou construções idiomáticas, requer links de vários tipos. Em primeiro lugar, existe a ligação sequencial que ocorre por meio da repetição de sequências de unidades. No domínio geral linguístico, *chunking*, sequências repetidas de elementos, sejam eles linguísticos ou não, são representados juntos como unidades que podem ser acessadas diretamente ao invés de formadas composicionalmente (Newell, 1990; Ellis, 1996; Bybee 2002). Por esses meios, as sequências repetidas tornam-se mais linguísticas. Dentro de um *chunk*, os links sequenciais são classificados em força com base na frequência do *chunk* ou talvez nas transições entre os elementos de um *chunk*. Uma construção é um *chunk* mesmo que contenha ranhuras esquemáticas, ou seja, os elementos de um *chunk* podem ser interrompidos. (Minha tradução).²

Para os autores, no processo geral de fragmentação, as sequências repetidas de elementos, linguísticas ou não, são representadas juntas como unidades que podem ser acessadas diretamente ao invés de formadas como composição. Uma construção é uma parte, mesmo que possa conter *slots* esquemáticos, ou seja, lacuna de elementos. Sendo assim, uma construção é um agrupamento, ainda que possa conter ranhuras esquemáticas, isto é, os itens de um trecho possam ser interrompidos. Em outras palavras, toda construção é um *chunk*, já que sua porção de sentido é independente do sentido das partes, embora o *chunk* prototípico seja a unidade totalmente preenchida, não esquemática, e de baixa composicionalidade e alto grau de idiomatidade. Exemplificando, as leituras de sentido das expressões como “apesar

² Memory storage of complex units such as idiomatic phrases or constructions requires links of various sorts. First, there is the sequential linking that comes about through repetition of sequences of units. In the domain-general linguistic chunking, repeated sequences of elements, be they linguistic or not, are represented together as units that can be accessed directly rather than formed compositionally (Newell 1990; Ellis 1996; Bybee 2002). By these means repeated sequences become more linguistic. Within a chunk, sequential links are graded in strength based on the frequency of the chunk or perhaps the transitions between the elements of a chunk. A construction is a chunk even though it may contain schematic slots, that is, the elements of a chunk can be interrupted

de, aqui e ali,” por exemplo, não são totalmente composicionais, pois o sentido das partes vai ficando cada vez mais opaco na totalidade dos sentidos a elas associados. Ou seja, o grau de transparência entre forma e significado no nível da construção é cada vez menor e assim, o significado das partes não pode ser recuperado no significado do todo. A rotinização forma, pois está associada à formação de novas construções, e reforça o *chunking* e sua representação.

O segundo processo é a categorização. Bybee (2010) define o processo de categorização como um processo que o cérebro segue para classificar e representar cognitivamente os eventos e objetos em categorias. Na linguagem, as categorias são a base do sistema linguístico, sejam elas unidades de som, morfemas, palavras, frases ou construções gramaticais. A autora afirma que a categorização é um processo de domínio geral no sentido de que categorias perceptuais diversas são criadas a partir da experiência e do processo de categorização e o mesmo acontece na linguagem, independentemente do idioma em curso de aquisição. Categorização é uma operação mental automática, inconsciente e inerente à experiência humana e está relacionada à memória e está relacionada ao ambiente em que vivemos, isto é, ao mundo físico, à nossa biologia e aos fatores socioculturais.

Em estudo que revisa processos cognitivos, Soares (2018, p. 29), destaca que “o processo de domínio geral mais difundido é a categorização, em razão de sua interação com todos os outros. Esse processo adaptativo integra a realidade física e social por meio do sistema cognitivo”. Soares ressalta ainda que a espécie humana, a partir das experiências no mundo, categoriza as coisas. Assim, no que diz respeito à língua, a categorização funciona agrupando objetos em categorias a partir da semelhança ou correspondência de identidade, quando palavras, frases e as partes que a compõem são reconhecidas e combinadas com representações armazenadas.

O terceiro processo cognitivo que revisamos é a Analogia. Bybee (2010) define que, na linguagem, a analogia ocorre como processo pelo qual novos enunciados são associados, ou mesmo criados, com base em enunciados semelhantes já experienciados. A analogia se relaciona diretamente com a categorização: dados previamente experienciados podem ser examinados como unidades comuns, que estão alinhadas, e que são categorizadas como itens de uma única categoria.

Um exemplo da atuação do processo de analogia são as expressões *print e delete* na formação vocabular do PB. Essas expressões geraram dois novos verbos “printar” e “deletar”. Esses verbos surgem apoiados em padrões preexistentes no uso linguístico (no inglês: *print e delete*/ no PB: [V-ar]), de maneira que o falante produz e compreende as expressões, por

conhecerem, em algum grau, tais itens linguísticos previamente. A analogia é processada quando comparações apontam alto grau de semelhança relacional.

O quarto processo cognitivo abordado é a Memória enriquecida e refere-se à estocagem dos detalhes vivenciados pelo falante, com a língua. Bybee (2010) explica que tais detalhes incluem traços fonéticos para palavras e frases, contextos de uso, significados e inferências associados a enunciados. Essas memórias enriquecidas são mapeadas nas representações existentes por meio do processo de categorização. A categorização é o processo em que essas memórias são similarizadas em representações existentes.

Cada experiência com a linguagem tem um impacto nas representações cognitivas, assim como as experiências não linguísticas e os contextos extralinguísticos vividos no uso da língua também têm um impacto sobre representações cognitivas e, por sua vez, gramaticais. A representação linguística, portanto, alcança do componente fonológico (fonemas, alofones e detalhes fonéticos finos) a informações sobre o falante e o contexto pragmático em que a palavra/construção está contextualizada.

O último processo é a Associação transmodal, que envolve a pareamento entre situações que ocorrem simultaneamente e que passam a ser associadas cognitivamente. Bybee (2010) ressalta que as inferências feitas a partir do contexto de enunciados particulares também podem ser associadas a sequências específicas, dando origem a mudanças de significado.

Observados alguns dos Processos Cognitivos de Domínio Geral, podemos dizer que a Gramática de Construções concebe o conhecimento da linguagem como algo a ser modelado pela atuação desses processos, que levam ao armazenamento das construções. Posto isto, damos atenção à forma como o conhecimento linguístico do falante é categorizado. A partir dos processos cognitivos, o indivíduo, pela experiência do uso da língua, abstrai os dados da experiência. É pela analogia que a pessoa identifica dados similares e pela categorização forma uma generalização, uma categoria, e a armazena. Esse armazenamento se dá também pela ação do processo de memória enriquecida e pelo processo de *chunking*.

Além disso, a GCBU, em particular, aborda a aquisição da linguagem como processo *bottom-up*, de baixo para cima, ou seja, a criança parte das experiências concretas com o uso da língua e, gradualmente, forma as construções mais abstratas, as representações gramaticais. Desde a infância, o processo se dá por meio da experiência na aquisição da linguagem e, no decorrer da aquisição, as crianças aprendem uma hierarquia de padrões gramaticais +/- abstratos.

Nesta pesquisa, estudamos a aquisição das construções de felicitação e de expressão de desejo do PB por surdos, considerando que tais dados (construtos) instanciam representações cognitivas advindas da língua em uso, pela exposição constante a essas construções da L2 e armazenamento dessas informações na memória. Sendo assim, os processos cognitivos de domínio geral são ferramentas fundamentais para a aquisição dessa L2. Os dados coletados podem instanciar diferentes representações, inclusive da L1, mas abordaremos esse assunto mais adiante.

Soares (2018) ratifica que a exposição a *inputs* desde cedo possibilitará a categorização do conhecimento de mundo e linguístico também. A autora afirma que:

[...] se crianças surdas ou ouvintes não são integradas desde cedo em atividades socioculturais que permitam observação de usos linguísticos para generalizar padrões, criar conceitos e categorizar elementos, quando chegam à escola, apresentam uma lacuna que as prejudicará no avanço de seu raciocínio sobre novos conhecimentos para os quais o processo de categorização é recrutado. (SOARES, 2018, p. 32)

Partindo desta observação, percebemos que se determinado uso linguístico for consideravelmente constante na língua, o falante, em contato com as estruturas concretas de uso, poderá empregar os processos cognitivos de domínios gerais, citados acima, de tal modo que possa desenvolver uma rede potente e representativa de seu conhecimento linguístico. Este processo ocorre não só no período inicial de aquisição da linguagem pelo falante, como também ao longo de toda a sua vida, criando nós, padrões utilizados com maior frequência na língua e configurações para essa rede construcional. Vale ressaltar que a produção/interpretação de uma língua é mais que apenas uma combinação dos significados de suas palavras componentes, é uma leitura de combinação de construções.

Segundo Lakoff (1987 *apud* Leite de Oliveira, 2017, p. 183) “quando construções novas surgem na língua, elas não são aleatórias, mas, pelo contrário, são motivadas por estruturas pré-existentes, da mesma forma que novos sentidos de palavras são motivados por sentidos já existentes”. Posto isto, o autor destaca ainda o princípio da motivação maximizada proposta por Goldberg (1995) que afirma que se duas construções estão relacionadas formalmente, devem manter também uma relação semântica.

De acordo com os pressupostos dos modelos baseados no uso, que direcionam esta pesquisa, a totalidade do nosso conhecimento linguístico é captado por uma rede de construções: um *constructicon*. Chegamos aqui no cerne desta pesquisa: o usuário da língua deve conhecer uma vasta gama de sentidos idiomatizados, isto é, essencialmente, deter uma

rede de construções cognitivamente representadas. Tais construções, dependendo da frequência com que a elas o usuário esteja exposto, podem ser identificadas/armazenadas como uma opção padrão para determinada situação comunicativa. Para exemplificar, usemos um determinado contexto comunicativo: uma pessoa chega à casa de um conhecido e pergunta: “- Tem café?” O dono da casa, como um falante nativo, entenderá que o visitante deseja beber café, indicando que o padrão [TEM X?] possui também sentido idiomático de pedido por desejo.

Para a Gramática das Construções, esse tipo de informação de natureza pragmática e contextual precisa ser representado no *constructicon*, na gramática, posto não se constituir como conhecimento periférico, tal como apostam determinadas teorias.

Logo, devemos fixar na descrição e motivação da construção, os aspectos da forma e do significado/função da construção que apontem também para a motivação pragmática para a existência dessa construção. Para os estudos linguísticos de orientação funcional-cognitivista, devemos buscar, para além do que há de formal e semântico em relação às unidades, as motivações pragmáticas e idiomáticas para que tais construções existam na língua.

Nesse sentido, a gramática torna-se um conjunto sistêmico de pareamentos forma-sentido análogo ao que tradicionalmente chamamos de inventário lexical, embora não faça a divisão entre léxico e gramática, já que aposta no *constructicon* como uma única rede de itens de natureza +/- lexical/gramatical. Pinheiro (2016, p. 27), ao se referir à noção de *constructicon*, emprega a expressão “É tudo léxico”, pois, “marca o fato de que a GC é uma abordagem não derivacional”, à medida que rejeita o componente das derivações sintáticas, além de ser basicamente composta de signos. Segundo Pinheiro, estes são alguns dos princípios gerais que norteiam a teoria da GCBU: (i) não existe nenhum conteúdo sintático inato, de modo que a totalidade do conhecimento linguístico terá que ser a partir do *input*, e (ii) a experiência com o *input* linguístico afeta continuamente o conhecimento internalizado, moldando-o ao longo de toda a vida do falante (p. 10).

O autor revisita também a discussão sobre a não-composicionalidade da construção, de Goldberg (1995), princípio segundo o qual o significado de uma expressão não pode ser concretizado a partir da leitura composicional das palavras que a compõem, mas sim pela leitura de unidades de sentido. Tomemos como exemplo a expressão “Fala sério!”. A depender do contexto de uso, ela expressa uma manifestação de desagrado e não um desejo de que o outro use de seriedade na fala. Essas especificidades devem ser do conhecimento do falante. A leitura composicional desta construção nos levaria a depreender o sentido/significado da soma das partes dessa estrutura, isto é, entenderíamos que requerem

que alguém use de seriedade na fala. Mas quando falamos em leitura não-composicional, as unidades se tornam mais opacas e a expressão passa a assumir outro significado.

Hilpert (2014) afirma que as construções estão associadas a propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, ao lado dos significados convencionalizados e os contextos sociais em que você provavelmente as usará e ouvirá.

Para o autor (p. 4), a linguagem comum é totalmente permeada por muitas expressões cujas formas e significados não são totalmente previsíveis com base nos significados das palavras registradas em um dicionário ou nas regras de sintaxe fornecidas por uma gramática. Isso nos leva à questão crucial de que as expressões idiomáticas podem ser analisadas como construções memorizadas/decoradas de modo independente. O que isto quer dizer? A resposta é: o que os falantes sabem é um padrão mais abstrato que lhes concede a identificação de seus significados.

A leitura idiomática confere novos sentidos conotativos e que vão além de seus significados literais quando aplicados em contextos específicos. Nesse caso, a sua compreensão deve ser feita de maneira geral, isto é, sem ter que analisar cada elemento, individualmente, que compõe o enunciado.

Esse fato nos leva, novamente, ao *chunking*, como processo de formação de unidades de organização da memória: os *chunks*. Como já discutido, nesse processo, sequências de unidades se juntam e são formadas unidades independentes e emancipadas. Para Bybee (2010) esse processo subjaz à formação de expressões formulaicas e pré-fabricadas, como em [dar uma ideia] que confere o sentido de opinião, palpite, recomendação. Agora, essa mesma expressão pode conferir outro sentido como em - Ele deu uma ideia na menina de rosa na festa ontem à noite! - Nesse enunciado, [dar uma ideia] tem uma leitura idiomatizada, indicando que o rapaz paquerou a menina de rosa da festa.

Dados como “Desejo que você fique bem!” e “Próspero Ano Novo!”, retirados dos corpora utilizados nessa pesquisa, são enunciados de expressão de desejo/felicitação e sua leitura é também idiomatizada. Nosso objetivo de discussão nessa pesquisa é entender tais usos na escrita do surdo, considerando a aquisição de construções que possuem papel idiomatizado mais acentuado na L2 desses indivíduos, o PB escrito, além do impacto que a gramática da Libras pode exercer na produção desses dados.

1.2 Gramática de Construções Diassistêmica (GCD)

Esta seção dedica-se a revisar uma proposta alinhada com o modelo teórico da Gramática de Construções Baseada no Uso: a Gramática de Construções Diassistêmica (GCD), sob a ótica de Höder (2018). A GCD é uma vertente da Gramática de Construções (GC) direcionada a explicações sobre os fenômenos de contato linguístico e não uma nova variedade de GC. O autor a define como Gramática de Construções baseada no uso (GCBU), enquanto for aplicada às circunstâncias de contato linguístico, porém calcada nos princípios da GCBU. A GCD procura produzir conhecimentos relativos à organização do conhecimento linguístico, relevantes para a GC. Sendo assim, a abordagem diassistêmica busca, na medida do possível, preencher uma lacuna na GC, no que diz respeito à Linguística de Contato.

Segundo Höder, o modelo da GCD infere que falantes e comunidades multilíngues organizam seu conhecimento gramatical fundamentado na entrada de *input* disponível por processos de identificação interlingual, abstração, generalização e categorização, independentemente dos limites do idioma, sucedendo, em uma comunidade específica, a construção multilíngue, que compreende construções específicas das línguas, mas não apenas. Pode ser restrito a determinados contextos comunicativos relativos a uma língua e às construções não especificadas para uma língua. A GCD trabalha com o conceito de diaconstrução que é a generalização formal-funcional na base da ligação entre as línguas e/ou variedades e que capta o que há em comum entre estas línguas.

O autor afirma ser inegável a existência do contato linguístico e defende a importância da discussão a respeito da viabilidade de se modelar o contato como fator da linguagem, como algo que tem um lugar na estrutura linguística.

Höder (2018; p. 44) elenca cinco argumentos que nos levam a questionar a visão tradicional, que defende a existência de gramáticas distintas no contexto bilíngue e se posiciona em favor de uma abordagem que compreende o multilinguismo (uma única gramática com itens oriundos dos sistemas em jogo) como uma característica prototípica da linguagem humana, a saber:

I. O contato linguístico está em toda parte: a maioria das pessoas e regiões devem apresentar, hoje, em algum grau, o multilinguismo. Os multilíngues são satisfatoriamente competentes para usar diferentes línguas com uma variedade de intenções comunicativas diferentes.

II. As línguas interagem na cognição de falantes multilíngues: o lugar do contato de linguagem pode ser compreendido como o processamento da linguagem do usuário (individual) multilíngue na interação comunicativa. O conhecimento linguístico dos falantes multilíngues não pode ser retratado por meio de somas de competências individuais monolíngues. Há fundamentos psicolinguísticos de que os multilíngues não armazenam ou processam as diferentes línguas isoladamente na cognição, mas em vez disso, todas as suas línguas são ativadas em conjunto. Isso leva ao fato de que há algum tipo de interação cognitiva entre as línguas.

III. O contato linguístico afeta a estrutura da linguagem: não se trata de um contato desorganizado, mas geralmente resulta em algum tipo de convergência, isto é, uma ampliação na similaridade interlingual.

IV. O multilinguismo atende às necessidades da comunidade: as línguas desempenham funções distintas nas comunidades multilíngues e seus usos destinam-se a diferentes propósitos em diferentes contextos comunicativos. Os falantes e comunidades multilíngues, além de ter formas alternativas de verbalizar as informações, têm também a escolha da própria língua para conduzir as informações adicionais, assinalando o enunciado como próprio de um conjunto particular de domínios comunicativos.

V. O que é língua, afinal? Conforme o autor, não há uma forma concreta de definir 'língua' em termos estruturais em contraste com uma variedade ou mesmo um registro de uma 'língua'. Essa variedade tem por base suas funções sociais, isso inclui os aspectos culturais, econômicos, políticos e religiosos - ao invés de fatores propriamente linguísticos.

Observados os argumentos acima, chegamos a um ponto muito importante: o falante multilíngue tem ao seu dispor um repertório de construções, desta forma, ele pode escolher o que for adequado ao contexto comunicativo atual. Essa abordagem do repertório, portanto, revoga a ideia de que as estruturas linguísticas pertencem exclusivamente a um ou outro sistema e, conseqüentemente, que as línguas são entidades pré-existentes e separadas na cognição.

Conseqüentemente, o repertório multilíngue pode ser analisado como um conjunto de estruturas linguísticas que contém subconjuntos idiossincráticos de um lado (seus elementos pertencem somente a um idioma ou variedade) e subconjuntos comuns do outro lado (seus elementos são comuns a várias ou todas as línguas no repertório).

Hilpert (2014) revisita Höder (2018) e outros pesquisadores que abordam esse assunto. Hilpert ressalta que Höder introduziu duas inovações teóricas para a Gramática de Construções. A primeira inovação é o conceito de um *link* diassistemático: se trata do processo de identificação interlingual que leva à associação de duas construções que pertencem a línguas diferentes. Essa associação pode se tornar convencionalizada e representada no *construct-i-con* multilíngue como um *link* diassistêmico.

Outro aspecto importante é a gramaticalização de réplica, termo criado por Höder. Essa gramaticalização difere de empréstimo e consiste no uso de apenas materiais nativos. Segundo o autor, trata-se de um processo de gramaticalização que sucede o contato linguístico. O autor exemplifica essa gramaticalização com o uso de uma construção que, a princípio, parece semelhante à construção BE GOING TO do inglês, que não existe no alemão padrão. Höder salienta que o alemão da Pensilvânia está em contato muito próximo com o inglês e que, provavelmente, por este motivo, os falantes do alemão da Pensilvânia criaram nova construção gramatical que funciona como [BE GOING TO] do inglês, mas que é composta pelo verbo alemão *gehen* 'go' e um verbo lexical no infinitivo (*Ich hab geglaubt es geht ihm / 1SG have believed it goes him happen / 'I thought it's going to happen to him.'*), indicando uma inovação nessa variedade do sistema alemão.

Para Höder (2018), há duas críticas que poderiam ser consideradas contra a Gramática de Construções Diassistêmica. A primeira é que as diaconstruções são altamente abstratas, o que pode colocar em dúvida sua realidade psicológica. A segunda é saber se as diaconstruções também são formadas por pares entre línguas que não tenham uma estreita relação. Höder segue afirmando que independente das línguas que os aprendizes de segunda língua estão aprendendo, eles comumente formarão correspondências entre a língua nativa e a L2, sendo distinto tipologicamente ou não.

Sobre a primeira possível crítica, o autor explica que o processo cognitivo de abstração permanece atuante na formação da gramática e que isso não é necessariamente um contra-argumento para o perfil baseado no uso defendido para o modelo da GCD. Sobre o segundo ponto, o autor explica que a diferença entre os pares de línguas, geneticamente próximos ou geneticamente distantes, pode estar, então, na forma como a identificação interlingual ocorre, isto é, ela pode não ocorrer na mesma extensão e com o mesmo grau de facilidade a todo tempo. Enfim, os indivíduos bilíngues, seja lá de qual forma, buscarão sempre paralelos e quando for possível, criarão construções que maximizam o paralelismo entre suas línguas.

Hilpert (2019) segue em sua revisão de literaturas e traz à baila Herbst (2016: 26) que propõe sete princípios para o uso da Gramática de Construções no ensino de idiomas, a saber:

I- Ensinar construções: aprender uma língua deve se concentrar em aprender construções;

II- Apresentar construções como pares de forma e significado: "O que você vê é o que você recebe";

III- Introduzir um sentido de cada vez: muitos itens são polissêmicos e apresentar todos os sentidos de uma vez pode prejudicar a aprendizagem;

IV- Dê exemplos de colocações importantes: não é só apresentar as construções, mas é complementá-las com exemplos concretos de colocações altamente frequentes;

V- Mostrar construções de valência: ao apresentar os verbos, deve incluir os enquadramentos sintáticos mais comuns a esse verbo;

VI- Restrinja a terminologia gramatical a um mínimo útil: utilizar termos técnicos não deve ser um fim em si, mas deve contribuir para resultados positivos de aprendizagem. Se esses termos não representarem precisamente as estruturas da gramática da L2 que estão sendo ensinadas, elas não devem ser usadas;

VII- Use língua autêntica: selecionar dados autênticos possibilita aos aprendizes a descoberta do que é frequente e do que é típico na L2.

Hilpert apresenta estudos cujos princípios de Herbst (2016) são aplicados e prossegue em sua análise. O autor relaciona o princípio 1 de Herbst (ensinar construções) com o conceito de diaconstruções e a noção de transferência de Höder (2018), pois há uma implicação entre elas. Hilpert retoma a afirmação de que os alunos de L2 tentarão estabelecer *links* e diaconstruções. O autor afirma que cabe ao professor de língua estrangeira ajudar os alunos a evitar transferências negativas.

O Hilpert conclui seu artigo afirmando que os conceitos de *links* diassistêmicos e diaconstruções revelam-se pertinentes para os fenômenos em que o conhecimento da língua dos falantes envolve mais do que uma rede de construções. Um *insight* central é que os falantes procuram paralelos em seus repertórios construcionais e, assim, os idiomas em contato sofrem mudanças pró-diassistêmicas ao longo do tempo.

Höder (2021), no capítulo *Additional language acquisition as emerging multilingualism*³, aborda o fenômeno do contato linguístico na perspectiva da aquisição de L2, mostrando que o modelo da GCD é aplicável e explica a forma como adquirimos uma L2, fazendo emergir o *constructicon* multilingue.

³ Aquisição de linguagem adicional como multilinguismo emergente. Construções no Contato 2: Mudança de idioma, práticas multilíngues e aquisição adicional de idioma.

O *constructicon* multilíngue é, portanto, composto de diaconstruções e idioconstruções, o que pode ser identificado na produção em L2, nos dados que as instanciam.

A observação da produção de aprendizes de uma LA normalmente revela elementos linguísticos diferentes dos usados pelos falantes nativos. Sobre esse fenômeno, Höder explica que a produção de enunciados não canônicos é na maioria das vezes aceita, porque ajuda a refletir sobre como os aprendizes compreendem uma representação mental da gramática da LA que difere dos conhecimentos linguísticos de falantes nativos.

Devido a pouca familiaridade com as construções da LA e ao entrincheiramento de construções análogas na L1, o aprendiz pode produzir enunciados não canônicos. Esses enunciados seriam classificados como exemplares de fenômenos de transferência, pelo uso de estruturas gramaticais pertencentes a L1 na LA. A transferência pode ocorrer por conta da aquisição imperfeita da gramática da LA.

Höder explica que o termo interlíngua (falaremos mais a respeito desse conceito na próxima seção) foi originalmente introduzido por Selinker (1972). Nessa visão, a L1 e a LA são dois sistemas gramaticais separados, e a LA do aprendiz gradativamente acumula conhecimento linguístico na LA, aproximando-se da competência linguística nativa.

Em entrevista publicada na Revista Diadorim (2021),⁴ Steffen Höder explica que o termo interlíngua é comumente compreendido como se referindo a estágios intermediários dos alunos de LA no percurso em busca da competência parecida à dos nativos, mas apresenta, por outro lado, uma visão diferenciada de interlíngua, segundo a qual a gramática bilíngue (ou multilíngue) é uma só e composta por construções oriundas dos sistemas com contato: a L1 e a L2.

Os enunciados de felicitação e as expressões de desejo, por nós analisados no contexto de escrita do PB como L2 de surdos parecem encontrar no modelo da GCD um modelo teórico importante para a explicação da formação da gramática do surdo bilíngue usuário da Libras e do PB. Os dados sugerem que estejam sendo instanciadas construções advindas da L1 e da L2 desses indivíduos, espelhando o modelo de gramática da GCD: o *constructicon* multilíngue.

Outro aspecto teórico significativo para esta pesquisa é a relevância de correlacionar a ideia de desejo/felicitação com modalidade volitiva, que está relacionada ao que é (in)desejável. Desejar expressa o que o locutor quer em relação ao outro, ou a si. Esses desejos podem ser bons ou não. Podem expressar algo que realmente faça o outro feliz, ou

⁴ Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 23, n. 1, pág. 34-43, jan.-jun. 2021.

que não aconteça nada desagradável ao outro, ou a si mesmo como em: Desejo tudo de bom para você! ou Desejo que seus exames estejam normais!

Enunciados como Parabéns! e Ótimo/Bom trabalho! visam manifestar o contentamento e o prazer do locutor diante de algo que o interlocutor tenha realizado. Mas o ato de felicitação pode se manifestar também por enunciados de desejos como: Que sejas feliz! ou, São os sinceros votos de amigo! Desejar, esperar, entre outros são atos que declaram os votos, os desejos do locutor. Ao desejar Felicidades! ou Saúde! O locutor manifesta a intenção de expressar o desejo de que tudo corra bem, de que a outra pessoa seja feliz.

Desta forma, observa-se uma ligação entre felicitar e desejar, pois, representam a modalidade volutiva. A volição pode compreender os valores como pretensão, promessa, intenção, desejo e expectativa e estão lado a lado ou parecem conectados, à medida que marcam alguma espécie de intenção do falante com relação a algo possível. Mas não podemos deixar de destacar que os enunciados de Felicitação são mais idiomáticos, ao passo que os enunciados de desejo são menos idiomáticos e o verbo “desejar”, “querer” expressam volição.

2 REVISÃO DA LITERATURA: AQUISIÇÃO DE SEGUNDA LÍNGUA E MBUS

Este capítulo apresenta uma revisão de dois modelos e hipóteses sobre aquisição de segunda língua, com o propósito de encontrar respaldo teórico para nossa investigação, de modo que as respostas para nossas perguntas de pesquisa sejam aceitáveis e validadas. Pretendemos revisar, de modo geral, as explicações sobre desenvolvimento de segundas línguas e, de modo específico, a aplicação dessas explicações aos estudos que envolvem aprendizes surdos. Para tanto, confrontamos a hipótese da Interlíngua, o Modelo de Competição e os princípios dos Modelos Baseados no Uso, revisados nas próximas seções, assim como estudos sobre o PB escrito por surdos fundamentados pelos mesmos modelos.

2.1 A hipótese da Interlíngua

Tratamos a hipótese da interlíngua sob a ótica do propositor Larry Selinker (1972). No artigo “Interlíngua”, Selinker ressalta “a hipótese de que as projeções de eventos comportamentais numa teoria do aprendizado de segunda língua deveriam se ocupar primeiramente das formas linguísticas dos enunciados produzidos nas ILs” (p. 280). O autor defende que essas projeções, quando satisfatórias, concederão legitimidade aos construtos teóricos ligados à estrutura psicológica latente.

De acordo com Freitas (2011), a Interlíngua é um estágio da aquisição de L2 em que o aprendiz produz, com base no uso, uma rede de representação cognitiva formada por construções tanto de sua L1, quanto da LA. Em outras palavras, a Interlíngua seria construída em diferentes fases e com características fonético-fonológicas, lexicais, morfossintáticas e discursivas que muitas vezes são distorções e agramaticalidades na L2, podendo comprometer a inteligibilidade do processo comunicativo (FREITAS *et al.* 2018, p.10).

Ao tratar da interlíngua, Selinker traz à discussão o conceito de fossilização. Os fenômenos linguísticos fossilizados são itens linguísticos, regras e subsistemas que falantes de uma determinada língua materna tendem a manter em sua interlíngua relativa a uma determinada língua-alvo. Esse processo independe da idade do aprendiz e da quantidade de esclarecimentos e instruções que esse indivíduo recebe em língua-alvo.

O autor salienta também que qualquer teoria do aprendizado de segunda língua adequada deve explicar a reaparição ou ressurgência regular, numa interlíngua produtiva, das estruturas linguísticas que consideravam extintas. Foi a partir dessa reaparição comportamental que levou o autor a presumir a existência da fossilização e das interlínguas.

Norteados pela hipótese da interlíngua, há estudos que analisam textos produzidos por surdos: Salles e Pires (2011), Salles *et al.* (2015) e Freitas *et al.* (2018). No estudo de Salles e Pires (2011), de orientação gerativista, encontra-se a investigação sobre sintagmas determinantes (DP) em uma comparação entre o português e a LIBRAS, no que se refere à sintaxe do sintagma nominal/determinante (DP). O objetivo do estudo é investigar as interferências do contraste paramétrico entre essas línguas para os padrões de efetivação do artigo definido na interlíngua de sinalizantes da LIBRAS na aquisição de português (escrito) como segunda língua (L2).

As autoras ressaltam que, em relação ao DP, sugere-se que a aquisição das características morfofonológicas do artigo (definido) é determinada pelo mapeamento da flexão de número na categoria funcional Número (Num), analisando a existência de subsídio de interpretabilidade nessa projeção. Calcula-se que a preferência pelo DP marcado pela flexão de plural será mais proeminente nos dados da interlíngua.

Como resultado das observações, na frequência relativa dos distintos modelos de DPs (nominal no singular, plural e definido singular, plural), captou-se, na interlíngua, 44,1% da preferência pelo nominal no singular. Esse resultado pode ser conferido à transferência dos valores paramétricos da L1 (LIBRAS) na aquisição de português (L2) (escrito), equivalente à etapa inicial da aquisição. Ratifica-se também a segunda previsão, porque, incluídos, os nominais nus no plural que apresentaram 19,1% de incidências e os definidos no plural, com 32% passam os nominais definidos no singular que apresentou 18,8%. Comparando com os dados dos falantes do português, esses resultados revelam-se expressivos, visto que se verifica um padrão diferente, em que se predomina o definido singular com 55%, seguido do definido plural com 32%, em contrapartida, os nominais nus no plural e no singular acontecem com frequências bem reduzidas, 6,2% e 6,8%, respectivamente (LSB) na aquisição de português (L2) (escrito), condizente à etapa inicial da aquisição.

Em Salles *et al.* (2015), o escopo da pesquisa é o bilinguismo de surdos, e seu interesse está na interlíngua dos aprendizes que são usuários da LIBRAS), sua L1, e estão aprendendo o português escrito como L2. O projeto de pesquisa foi formulado multidisciplinarmente e tem como proposta a investigação dos enunciados escritos em PB

como segunda língua. Os estudantes que participaram do trabalho são alunos do Ensino Médio. O tema abordado foi a questão do 'desmatamento'.

Os autores investigaram a expressão linguística do raciocínio inferencial na elaboração de conclusões sobre as relações de causa e efeito existentes nos fenômenos biológicos discutidos por meio do exame do conteúdo proposicional dos enunciados produzidos em português escrito, sendo considerados os dados de interlíngua. Foram examinados os enunciados formulados como resposta à pergunta: por que o desmatamento prejudica os povos da floresta? Apresente pelo menos 3 (três) motivos/razões.

Como resultado, os autores verificaram ambos os modelos de conclusões apresentados em seu trabalho. Segundo eles, esse fato revela que o processo de ensino e aprendizagem produziu um efeito cognitivo positivo. Salles *et al.* (2015), reiteram o pressuposto de que os conceitos desenvolvidos por meio do raciocínio lógico-dedutivo modificam e melhoram a representação do mundo.

Verificou-se ainda que o argumento interpretado como 'meta' foi constatado nos enunciados da interlíngua, existindo variação entre o uso e a ausência da preposição. Essa verificação pode ser confluyente ou não com o português (L2). Além disso, verificou-se também que o uso ou ausência da preposição pode ser determinada pelo tipo semântico do verbo (de transferência - material e cognitiva) ou pelo tipo da L1 (LIBRAS) cujo verbo é simples ou com concordância.

Freitas *et al.* (2018) destaca a transferência como fenômeno recorrente no contexto de aquisição/ aprendizagem de uma L2. Segundo os autores, ao contrário do que podemos imaginar, a transferência pode ser tanto negativa (interferência), quanto positiva, quando auxilia no processo de aprendizagem das estruturas da segunda língua. Ela está relacionada ao contato entre essas línguas (L1 e L2). Os autores desenvolveram uma pesquisa na qual mapearam os problemas típicos da escrita de indivíduos surdos e que ilustram a discussão sobre transferência, fossilização e entrincheiramento de construções. Tal estudo será confrontado nessa dissertação, como veremos mais a frente, já que proporcionou algumas das diretrizes por nós assumidas para a análise dos dados de produção de enunciados de felicitação e expressões de desejo no contexto de escrita do PB como L2 de internautas surdos.

2.2 Modelo de competição

Abordamos agora o modelo de competição de gramáticas em contexto de aquisição de L2. Revisamos Bates e MacWhinney, 1982; 1987 e Paiva, 2014 que argumentam a favor deste modelo de competição da gramática. De acordo com o modelo de competição, o processo de transferência da L1 (a LIBRAS nesta pesquisa) ao longo da fase inicial de aprendizagem da L2 (o PB escrito) é considerado uma forte influência nessa aprendizagem a tal ponto que torna inviável construir um modelo de aprendizagem de L2 sem levar em conta as construções da L1.

Os autores afirmam que um modelo de competição completo de relacionamentos forma-função deve compreender uma teoria de vestigialidade que antecipa onde tais eventos são prováveis de ocorrer na linguagem, e como as formas vestigiais são adquiridas por crianças e armazenadas e acessadas por adultos. No modelo de competição, então, os princípios explicativos de convencionalização e vestigialidade existem para lidar com as exceções de um sistema puramente funcional. Esses princípios não podem ser empregados de maneira circular porque precisam ter algum valor explicativo real.

Trazendo essa teoria para o trabalho com os surdos, Soares (2018), em sua pesquisa em ASL, aborda a hipótese da existência da manutenção de um sistema de competidores durante o período de escolarização do aprendiz surdo. Segundo a autora, o aprendiz surdo de primeira geração, no início da escolarização, apresenta conflito, pela existência de uma língua de sinais em fase inicial do processo de aquisição competindo com outros sistemas como a sinalização caseira, o sistema oral (com uma gama de apagamentos) e a escrita, resultando em um sistema de competidores. Soares ressalta que, na maioria dos casos, esse sistema parece não evoluir a ponto da estabilidade em direção ao PB escrito.

Soares ressalta que a visão sobre o sistema emergente na mente do surdo considera os pressupostos da Teoria da Complexidade, para explicar a emergência da linguagem, e, do Modelo de Competição, porque há competição das construções na mente do aprendiz. Se o contato com padrões recorrentes e autênticos da L2 for frequente, esse sistema apresenta condições que favorecem a evolução e a mudança, isso acontece porque é aberto e está constantemente se auto-organizando. Segundo a autora, esse sistema de transição reage a *feedbacks* que os impulsionam para um “atrator” (padrões construcionais que formam a L2).

2.3 Modelos Baseados no Uso

Poucos são os estudos sobre aquisição de L2 por surdos, fundamentados em pressupostos dos Modelos Baseados no Uso, os quais incluem a Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), modelo teórico revisado no capítulo anterior. Os MBU trabalham com a ideia da construção, que é um pareamento forma-significado com estrutura sequencial e que pode incluir posições fixas, bem como posições abertas. Desta forma, pode-se falar da construção passiva, da construção ditransitiva ou de construções lexicalmente mais específicas. Posto que as construções combinam forma e significado; a gramática não contém módulos para sintaxe separada da semântica e até a fonologia pode ser representada diretamente em uma construção.

O estudo de Freitas e Nascimento (2020), intitulado *Aquisição e Ensino de PBL2 para surdos: um estudo de caso sobre a hipótese do choque construcional na interlíngua*, fundamenta suas análises em pressupostos teóricos da GCBU. Os autores ressaltam que os MBUs oferecem explicações a respeito dos aspectos cognitivos e interacionais da linguagem sem fazer a distinção clássica entre aquisição e aprendizagem.

No artigo são abordados os modelos, não apenas baseados no uso, que concebem a aquisição tanto da L1 quanto da L2, com base em princípios gerais e/ou inatos. Segundo os autores, os modelos baseados no uso não separam a aprendizagem da L1 da L2. Os processos de aquisição de L1 e L2 são tidos como oriundos de uma mesma base cognitiva, embora sejam diferentes em decorrência de fatores como o tempo, o entrincheiramento de dados da L1 etc.

No que se refere à leitura dos idiomatismos, Ellis e colegas (2008), também em estudo que segue a abordagem baseada no uso, ressaltam o desafio que é o aprendiz saber idiomatismos na L2.

De acordo com os autores, ainda, mesmo alunos de línguas em estágio mais adiantado apresentam dificuldade considerável com colocações, o que revela que os alunos necessitam de instrução sobre esses aspectos da linguagem.

Muitas frases geradas por aprendizes de línguas não parecem naturais, fato que se mostra particularmente relevante para aprendizes surdos que têm a Libras como L1 e o PB como L2. Para essa discussão, propomos a revisão dos trabalhos de Soares (2018); Nascimento (2020); Freitas e Nascimento (2020) e Soares (2020).

Soares (2018) trabalha sob a vertente da abordagem da Linguística Funcional Baseada no Uso (LFBU), pois compreende pressupostos da linguística funcionalista e da linguística cognitiva. Ambas as correntes contemplam as línguas como sistemas dinâmicos e complexos que devem ser averiguadas em suas relações de uso em diferentes contextos, nos quais aptidões cognitivas gerais são ativadas.

A autora afirma que as experiências sensório-motoras, condicionadas pelo estado físico do indivíduo, são atividades que mexem na maneira como se percebem e se processam informações transferidas para o domínio de uso da língua. Em se tratando do surdo, que percebe e pensa por experiências visuais e motoras, a aquisição do português e da Libras afeta a aquisição de padrões gramaticais e discursivos das duas línguas.

Seguindo com os trabalhos direcionados aos surdos, Freitas e Nascimento (2020) admitem que a observação do modelo da GCBU corrobora a compreensão da natureza da interlíngua e conseqüentemente fornece subsídios teóricos para a melhoria do ensino de escrita para surdos.

Os autores defendem que o entendimento do texto escrito do surdo, do ponto de vista da Interlíngua, no sentido cognitivo-funcional e com foco nos princípios da GCBU, pode conceder ao professor a disponibilidade de uma visão ampla do processo de aquisição/ensino-aprendizagem, visto que admite a identificação de questões da interface cognição/linguagem que podem explicar dificuldades para a escrita eficiente dos surdos.

Outro trabalho direcionado aos aprendizes surdos é o do Nascimento (2020) que também traz o modelo da Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU) como fundamentação teórica. O autor defende a hipótese de que as incompatibilidades observadas na interlíngua dos participantes de sua pesquisa evidenciam as diferenças tipológicas entre a L1 (Língua Brasileira de Sinais) e a L2 (o PB escrito).

Segundo o autor, há uma contribuição, em particular no que tange aos estudos sobre aquisição de L2 da comunidade surda, do trabalho embasado no modelo gramatical oferecido pela GCBU. Para Nascimento, os debates com relação à teoria e à análise de dados expostos em sua pesquisa não se limitam ao escopo da Linguística Teórica, pois trazem consigo muitas possibilidades de extensão às diferentes áreas investigativas que abarcam a comunidade surda e suas demandas educacionais, como, por exemplo, a Linguística Aplicada.

Outro texto que traz discussão a respeito dos trabalhos com os surdos é o artigo *Aquisição de Linguagem e Modelos Baseados no Uso*, de Freitas e Melo (2020). Os autores ressaltam que os MBU concedem um novo significado ao papel da imitação para a aquisição de linguagem. Salientam também que não se trata de uma imitação mecânica e

descontextualizada, mas imitação, de acordo com os MBU, que se relaciona ao processo de aprendizagem cultural.

Para os MBU, o aprendiz reproduz determinada situação que compreenda a finalidade ou a função do referente ao comportamento que está reproduzindo. Freitas e Melo ressaltam que os MBU sustentam a ideia de que a linguagem, e sua aquisição, se inserem em um plano mais geral da cognição, então, obrigatoriamente, a aquisição da linguagem de sinais por crianças surdas ocorrerá da mesma forma que ocorre por crianças ouvintes. Sendo assim, a diferença na aquisição de linguagem por crianças ouvintes e surdas está apenas em diferenças relativas ao canal de produção/percepção em questão. Ou seja, “se no contexto da aquisição/uso de línguas orais, o canal de produção/percepção é o oral-auditivo, no contexto de aquisição/uso de línguas de sinais, o canal de produção é gestual e o de percepção é visual.” (p. 33)

Para os autores, as questões relativas ao desenvolvimento da consciência fonológica de bebês expostos a línguas orais são, da mesma forma, as mesmas que emergem no contexto de desenvolvimento da consciência fonológica de bebês expostos a línguas de sinais, seja no nível da discussão articulatória/fonética, da relação frequência/estatística e probabilidade de ordem aquisição ou no de outros fatores (p. 33).

Considerando esses fatos, as diferenças de modalidade (gesto-visual/oral-auditiva) são somente superficiais entre línguas orais e de sinais e não de aquisição. Os autores afirmam que as línguas de ambas as modalidades são adquiridas, cognitivamente falando, da mesma forma. Em síntese, os MBU apresentam um arcabouço teórico significativo para a discussão da aquisição da linguagem, tanto por pessoas ouvintes, quanto por pessoas surdas. Isso significa que os princípios que regem o funcionamento global da mente agem e garantem a aquisição de uma língua natural, independentemente de questões relacionadas à diferença de modalidades linguísticas, ou seja, diferenças de canais de produção e percepção.

Soares (2020) traz uma reflexão a respeito da prática de ensino para surdos e elucida o fato de que das duas habilidades observadas no ensino do surdo - escrita e leitura - a primeira (a escrita) é mais explorada em estudos e que sobre a segunda não há muitos estudos disponíveis. A autora desenvolve sua pesquisa focalizando a discussão sobre escrita e leitura de surdos e apresenta um exemplo de produção de surdos que consiste em um dado prototípico de enunciado de felicitação e que dialoga com os dados desta pesquisa:

- (a) Parabéns, querida melhor minha amiga que muito especial, sucesso, simpática, carinhosa (...). (Corpus NEIS/UFRJ).

Podemos afirmar que muitos enunciados de felicitação e expressões de desejo são ricos em idiomaticidade e são construções cristalizadas na fala e escrita dos indivíduos nativos do PB. Daí a nossa indagação sobre como as construções por eles instanciadas são representadas na gramática do surdo bilíngue, falante de Libras (L1) e PB (L2), na perspectiva da GCD, ou seja, na perspectiva do *construction* multilíngue.

Finalizando essa discussão a respeito dos trabalhos que focalizam a produção linguística em L2 do surdo, apresentamos a pesquisa de Freitas *et al.* (2018), artigo basilar desta dissertação. O artigo "*Será um grande de aprendizado*": uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2-interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua traz em seus estudos a identificação e a categorização de problemas da escrita do surdo. A especificidade de seus achados será a base para o trabalho de análise dos dados levantados nesta pesquisa, que se desenvolve, por sua vez, a partir da checagem das categorias identificadas em Freitas *et al.*

Freitas *et al.* (2018) abordam um modelo investigativo diferenciado sobre o texto escrito de surdos universitários com a finalidade de descrever os problemas de gramaticalidade (frases em desacordo com as regras linguísticas que determinam se a sequência é bem formada), textualidade (aspectos voltados para o papel dos fatores textuais) e de desvios de norma culta (fatores mais associados ao texto escrito, objeto de estudo dos autores).

Nesta pesquisa, os autores ainda buscam identificar os processos cognitivos, típicos da interlíngua, subjacentes ao surgimento dos fenômenos ali identificados. A pesquisa trabalhou com textos do gênero discursivo *e-mail* e obteve como resultados problemas de diferentes naturezas presentes na produção escrita desses indivíduos.

Os autores argumentam que o aluno universitário surdo pode encontrar dificuldade no domínio da escrita (em suas possibilidades gramaticais e discursivo-textuais) ao deparar-se com a realidade e demandas do ensino superior. Em seguida, salientam que a realidade do texto escrito do surdo adulto pode apresentar problemas de maior grau de especificidades características desse público, geradas, na maioria das vezes, pelas diferenças gramaticais existentes entre a L1 e L2 em jogo. O trabalho se desenvolve sob a hipótese da Gramática das Construções, defendendo que a produção linguística em L2 do surdo, esteja ela em maior ou menor grau associada ao modelo da LA, será pautada a partir da representação de construções disponíveis na interlíngua desses indivíduos.

Os autores argumentam ainda que os problemas ali identificados são intensificados por políticas públicas impróprias e pelas metodologias de ensino de escrita, também impróprias.

A pesquisa se caracteriza nesse sentido: buscando identificar na produção escrita de surdos universitários problemas textuais, gramaticais e referentes à adesão da norma culta e que podem se constituir em dificuldades para a discussão do texto acadêmico. Freitas *et al* buscaram mapear os problemas de produção escrita com a finalidade de contribuição a futuras pesquisas sobre ensino de língua escrita para surdos. O diferencial da pesquisa está, portanto, no fato de que buscaram identificar também possíveis problemas que são específicos do texto do surdo e que, portanto, requerem metodologias diferenciadas e adaptadas para que haja superação desses desafios.

Dois questionamentos permeiam o trabalho: 1) o que se espera em termos de aprendizado e nível de proficiência escrita em L2 de um estudante universitário e que tem, nessa mesma L2, o principal veículo de divulgação de conhecimentos em seu próprio país e 2) qual é realmente nosso conhecimento acerca do texto escrito do surdo, suas potencialidades, limitações e características diversas. Os questionamentos também permeiam a presente pesquisa a respeito do que nos pautamos para avaliar o texto do surdo.

Os questionamentos evidenciam que é pertinente encontrarmos respostas de modo a elucidar melhor a educação escolar dos surdos. Muitas vezes, propagamos o conceito “escrita do surdo” sem realmente conhecer, profundamente, as especificidades deste grupo. Tal atitude nos leva a não enxergar suas potencialidades e suas reais limitações. Espera-se, em termos de aprendizado, que os educandos surdos consigam compreender satisfatoriamente a escrita em L2, isto é, que eles efetivem sua comunicação interagindo em diferentes contextos sociocomunicativos.

Assumir simplesmente que determinados aspectos do texto do surdo o definem como um texto de segunda língua não garante sua inclusão, ou mesmo, permitem a melhoria de seu ensino em prol do desenvolvimento de seu letramento. Muitas estratégias de ensino são elaboradas e postas em prática de modo a sanar tais eventualidades.

Sendo assim, os autores optaram por realizar um estudo cuja investigação circule em três áreas importantes e que definem a qualidade do texto escrito. Como dito, a investigação focalizou a (a)gramaticalidade, ou seja, questões acerca do caráter gramatical de uma língua, questões ligadas à adequação às normas culta e/ou padrão mais típicas do texto escrito e, por último, questões ligadas à textualidade e os fatores que podem comprometer a coesão e a coerência textual em maior ou menor grau. Aqui, o que se investiga é se esses usuários produzem textos coerentes e coesos e se há a intencionalidade, a aceitabilidade, a situacionalidade, a informatividade e a intertextualidade (de natureza social e pragmática).

O trabalho foi desenvolvido segundo uma visão teórica ampla da GCBU sobre o processo de aquisição de L2, em particular, centrado no uso, apontando para a interlíngua. A interlíngua seria um recorte adaptado de um sistema linguístico, o qual é, potencialmente falando, um modelo a ser adquirido/aprendido. É construída em fases diferentes e com características fonético-fonológicas, lexicais, morfossintáticas e discursivas, sendo muitas vezes distorções e agramaticalidades na L2, que pode afetar a inteligibilidade do processo comunicativo.

A aquisição é vista, pelos autores, como um processo contínuo em que o indivíduo adquire novas construções ao longo da vida. Essas construções são resultados de informações recorrentes, o que leva a considerar o papel da repetição, da frequência de uso de *types* e *tokens* (unidades e padrões) de uma língua. Os autores ressaltam que pretendem desenvolver a ideia de que a repetição de unidades linguísticas, a maior frequência com que elas surgem durante o uso da língua, produz um impacto na representação cognitiva em L2, isso faz com que a frequência de uso seja caracterizada como fator central para a explicação do processo de aquisição.

Como metodologia, a princípio, os autores mapearam as instâncias de agramaticalidades e/ou desvios da norma culta detectadas nas produções escritas em PBL2 de alunos surdos universitários do curso de Letras-Libras (LIBRAS) da Faculdade de Letras - UFRJ, para, em seguida, entrar na fase de investigação sobre problemas de textualidade e adequação. Os sete textos utilizados na pesquisa pertencem a um *corpus* elaborado pelos integrantes do NEIS/UFRJ (o Núcleo de Estudos sobre InterlínguaS). Esse *corpus* é constituído por textos escritos de diferentes gêneros e tipos textuais, produzidos por alunos graduandos do curso de Letras-Libras (LIBRAS)/UFRJ, surdos e ouvintes, e através dele, pretende-se investigar, linguisticamente, possíveis problemas de escrita acadêmica desses alunos. Quarenta e três textos, apenas de alunos surdos, compõem o *corpus*, sendo parte instrumental do trabalho desenvolvido pelo NEIS/UFRJ.

O gênero *e-mail* foi escolhido para investigação por ser produtivo e funcional, pois é concebido na interação dialógica da comunidade acadêmica onde os autores dos textos se encontravam. Foram escolhidos *e-mails* de registro formal e de registro informal. A partir da escolha desses textos, o trabalho se desenvolveu identificando os desvios de norma culta e agramaticalidades e, posteriormente, agrupando os dados por categorias de problemas em comum. Foi realizado um levantamento dos níveis coesivos em que os problemas se encontravam e o grau de comprometimento da inteligibilidade discursiva (interoracional, intraoracional, interperíodo e interparágrafo). Investigaram-se também os processos

cognitivos subjacentes a essas ocorrências que explicariam a emergência de certas construções na interlíngua.

A primeira etapa da pesquisa consistiu na identificação e na categorização dos problemas nos *e-mails* selecionados. Os autores identificaram 8 categorias diferentes de espécies de problema de agramaticalidades e/ou de inadequação à norma culta, a saber:

- 1) Inserção indevida de itens gramaticais;
- 2) Repetição de itens lexicais/gramaticais;
- 3) Troca de itens gramaticais/lexicais;
- 4) Apagamento de itens gramaticais;
- 5) Problemas de concordância e troca de modo e tempos verbais;
- 6) Problema de concordância nominal;
- 7) Traços de oralidade;
- 8) Fusão de construções da língua alvo.

As categorias (1), (2), (3) e (4) apresentam agrupamentos de problemas relacionados a itens lexicais e/ou gramaticais. Foi observada, com relação aos problemas envolvendo itens lexicais e/ou gramaticais, a identificação de quatro possibilidades de comprometimento textual. Esses casos envolveram problemas provenientes da inserção indevida, repetição, troca e apagamento de itens de natureza lexical ou gramatical, encerrando quatro categorias. A maior incidência de problemas é relativa ao uso de preposições.

As categorias (5) e (6) tratam de problemas gerais relacionados à concordância; a (7) de transferência de marcas do português falado no texto escrito e a (8) de problemas envolvendo construções típicas do PB.

A segunda etapa da pesquisa traz os desvios encontrados nos *e-mails* formais e informais dos surdos participantes, mas agora buscando analisar em que nível eles comprometem a coesão textual. Dessa maneira, nesse segundo momento, voltaram o olhar explicitamente para a frequência com que as instâncias detentoras de desvios e/ou agramaticalidades em LP surgiam nos níveis intraoracional (desvios dentro das orações), interoracional (desvios entre as orações), interperíodo (desvios entre os períodos) e interparágrafo (desvios entre os parágrafos). Esses desvios geram falhas na coesão e na coerência do texto.

No que tange à discussão sobre comprometimento da textualidade, ressalta-se que a maioria dos problemas categorizados na primeira etapa da investigação ocorreram no nível

intraoracional, isto é, atuando dentro de uma única oração. As categorias envolvendo problemas com itens gramaticais/lexicais e a categoria de concordância verbal/nominal foram as mais comuns. Logo em seguida, vieram os problemas que acometeram a inteligibilidade textual no nível interoracional. Embora sejam poucas as ocorrências, contabilizaram, também, problemas operantes entre dois períodos distintos, correspondentes ao nível interperíodos, que podem propagar danos maiores em relação à textualidade.

A terceira etapa observou a atuação de quatro tipos distintos de processos cognitivos subjacentes às ocorrências: (1) hipercorreção/supergeneralização; (2) interferência da L1; (3) interferência da oralidade da LA; (4) mescla de construções da LA.

As transferências da L1 podem provocar desvios de baixa, média ou alta complexidade, isso porque há diferenças nas línguas e gramáticas distintas, como, por exemplo, o português e a LIBRAS.

O trabalho realizado na pesquisa de Freitas *et al.* (2018) contribui para demais pesquisas. Nesse sentido, o trabalho é um norteador para esta pesquisa, ajudando a identificar, como referência inicial, os problemas de produção de enunciados de felicitação e expressões de desejo no contexto de escrita do PB como L2 de internautas surdos.

Assim como os autores, acreditamos que, assim, seja possível avaliar como podemos solucionar tais problemas propondo metodologias mais eficientes e adequadas ao ensino desse grupo de indivíduos, um foco de possíveis futuros trabalhos.

3 HIPÓTESE

A hipótese que norteia o presente trabalho é a de que a produção de enunciados de felicitação e expressões de desejo no contexto de escrita do PB como L2 de internautas surdos apresentará evidências acerca da representação da gramática bilíngue à luz do conceito de *constructicon* multilíngue (HÖDER 2021) e que as categorias apresentadas no trabalho de Freitas *et al.* (2018) serão também identificadas no contexto de dados da *internet*, embora não apenas.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Identificar a natureza do conhecimento construcional multilíngue de internautas surdos via enunciados de felicitação e expressões de desejo no contexto de escrita do PB como L2

4.2 Objetivos Específicos

- a) revisar literatura concernente à aquisição de L2 e modelos baseados no uso com foco na surdez;
- b) levantar enunciados de felicitação e expressões de desejo no contexto de escrita do PB como L2 no contexto da internet;
- c) montar um banco de dados;
- d) identificar problemas de gramaticalidade e outros à luz das categorias de Freitas *et al.* (2018);
- e) mapear possíveis novas categorias.

5 METODOLOGIA

5.1 De onde se parte?

A elaboração da metodologia para este estudo partiu das perguntas de pesquisa que pretendemos responder sobre a natureza do conhecimento construcional multilíngue de internautas surdos no contexto de escrita do PB como L2, a partir da investigação de enunciados de felicitação (*e.g. Parabéns!; Muitas felicidades*) e de expressão de desejo (*e. g. Que Deus abençoe vocês.*), escritos por surdos em ambientes de uso externos à sala de aula.

Tendo em conta estudos que reportam incompatibilidades no uso do PB por crianças e adultos, em tarefas escolares de leitura e de escrita, (FREITAS *et al.* 2018; SOARES, 2018; SOARES; NASCIMENTO, 2020), definimos as seguintes **perguntas de pesquisa**:

1. Fora da escola, em situações de uso real do PB, na modalidade escrita, como surdos usam construções de felicitação e de expressão de desejo, de alta frequência nessa língua?
2. Sendo o gênero postagem em redes sociais uma instância cotidiana de uso do PB escrito, em que se podem observar tipos de construções com função de felicitação e de expressão de desejo, o que a produção escrita que materializa tais intenções pode revelar sobre a representação da gramática dos internautas surdos?
3. As construções investigadas neste estudo apresentam os mesmos oito tipos de inconsistências encontradas nos textos escritos a partir de atividades simuladas em ambiente formal de ensino, analisados em Freitas *et al* (2018)?

5.2 Procedimentos de coleta de dados

De modo a alcançar respostas para as perguntas acima, selecionamos instâncias de uso cotidiano em que circulam muitos surdos e, a partir dessas bases, coletamos dados para formar o *corpus* para investigação. As bases selecionadas são espaços virtuais de interação social, encontradas nas redes sociais de instituições públicas e privadas⁵, a saber:

- Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES);
- TV INES (canal com conteúdo em LIBRAS) e
- Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição (APADA de Niterói).

As três instituições desenvolvem um trabalho direcionado ao público surdo, dessa forma, justificamos essas escolhas, esperando encontrar um bom volume de dados do uso real de construções que materializam enunciados de felicitação e de volição.

Quanto ao perfil dos indivíduos que produziram os enunciados, não foi possível traçá-lo com informações como idade, grau de instrução ou até mesmo o tipo de surdez (congenita ou adquirida), por conta do contexto em que os dados foram gerados: a *internet*. Também não dispomos de informações quanto ao tempo de exposição à LIBRAS e ao PB. A única informação checada foi a identificação de surdez dos indivíduos. Foram realizadas buscas nos perfis dos indivíduos para nos certificarmos de que os enunciados teriam sido produzidos por surdos. Tivemos a confirmação somente quando os perfis eram abertos ou quando o nome do usuário continha a palavra “surdo” ou “*deaf*”, usadas em postagens em que se identificam como surdos. De todo modo, o público que, em geral, interage nas redes sociais é de faixa etária jovem/adulta e possui ao menos escolarização básica, que lhes viabiliza a interação via escrita.

Dentre as postagens observadas nas bases investigadas, verificamos, de fato, haver alta frequência de uso de construções com a intenção de felicitar e de manifestar volição, das quais selecionamos aquelas em que um dos *slots* eram preenchidos com os itens; ‘feliz’; ‘felicidade’; ‘parabéns’; tomara; deseje- e abençoe-. A seleção dos dados se deu entre novembro de 2020 e janeiro de 2021 e gerou amostras de postagens que formam os *corpora* da pesquisa.

⁵ A TV INES foi produzida pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) em parceria com a Associação de Comunicação Educativa Roquette Pinto (ACERP), mas que nesta pesquisa será entendida como uma instituição separada do INES.

Todos os dados coletados foram armazenados em uma planilha na qual hospedamos as postagens com enunciados de felicitação e de volição, assim como as datas em que foram publicadas e as respectivas temáticas que as geraram.

5.3 Etapas e categorias para análise de dados

Definidos os espaços virtuais de uso do PB escrito e coletados os dados, estabelecemos **3 etapas** para análise quantitativa e qualitativa das amostras. As etapas consistem em:

I. mapear os dados com função de felicitação e de desejo, encontrados em cada espaço virtual;

II. selecionar e quantificar as amostras;

III. identificar os tipos de inconsistências no uso das construções de felicitação e de desejo, seguindo as categorias propostas em Freitas *et al.* (2018) e outras três enumeradas mais a frente.

As **categorias** de análise seguiram inicialmente as oito propostas no artigo de Freitas *et al.* (2018), no entanto, durante a coleta, observamos que a natureza dos dados produzidos em ambiente virtual e as condições de produção eram distintas daquelas da amostra analisada no artigo. Sendo assim, não analisamos uma das oito categorias, a saber: traços da oralidade, visto que o gênero trabalhado, *post* em redes sociais, tem por característica a escrita mais próxima à fala e elencamos mais uma categoria de análise, somando um total de 8, a saber:

1. Inserção indevida de itens gramaticais;
2. Repetição de itens lexicais/gramaticais;
3. Troca de itens gramaticais/lexicais;
4. Apagamento de itens gramaticais;
5. Problemas de concordância e troca de modo e tempos verbais;
6. Problema de concordância nominal;
7. Fusão de construções da língua alvo;
8. Pontuação.⁶

⁶ A categoria 9 envolve desvios na esfera da materialização das construções no texto escrito.

Quanto à categoria Traços de oralidade, uma tipologia de interferência que se forma no domínio da LA e que gera a transferência de esquemas da oralidade à língua escrita, optamos por não analisá-la devido à natureza do gênero postagens em rede sociais. Esse gênero tem em sua essência as marcas de oralidade, por este motivo, é importante atentarmos para a questão da escrita das postagens, pois elas se assemelham à forma como falamos. A internet possibilitou a criação de novos gêneros, como também mexeu com as formas de outros gêneros, modificou-se também a relação entre leitor e autor, pois há uma interação maior e mais rápida. O gênero postagem em redes sociais revela como a tecnologia transforma a maneira como interagimos com as pessoas. São mudanças tanto na forma como nos comunicamos, como na linguagem.

Essas transformações trouxeram esses novos gêneros para o nosso cotidiano. O gênero digital mais comum é o *post*. Sua característica é demarcada pela linguagem informal ou formal, conforme seu objetivo, e apresenta, inclusive, alguns *emoticons* que suprem a ausência da entonação, contribuindo com a comunicação verbal e a interação.

No capítulo de análise de dados, esperamos verificar a (in)validade das 8 categorias mobilizadas para análise das construções usadas por surdos. Ao final das análises, acreditamos que teremos evidências para responder as perguntas de pesquisa.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

6.1 Mapeamento, classificação e quantitativo

Os dados coletados das redes sociais das três instituições geraram um quantitativo correspondente a 90 postagens que formam o *corpus* da pesquisa. Os dados que compõem esse total de textos estão inseridos na tabela a seguir.

Tabela 1 - Quantitativo de textos por instituição
Textos de postagens coletados nas redes sociais, entre novembro de 2020 e janeiro de 2021

FONTE DOS DADOS	QUANTITATIVO
<i>Facebook do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES)</i>	13
<i>Facebook e Instagram da TV INES</i>	75
<i>Facebook e Instagram da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição (APADA)</i>	02

A observação dos 90 textos coletados mostrou que enunciados de felicitação e de expressão de desejo abrangem alguns tipos de construções do PB, que deslizam em um contínuo entre as dimensões de [\pm FELICITAÇÃO] a [\pm EXPRESSÃO DE DESEJO], como se pode notar em enunciados como ‘*Muitas felicidades*’. Essas construções potencialmente coocorrem com *emojis* nas postagens, conforme indicam exemplares do Quadro 1, que apresenta alguns exemplares produzidos pelos internautas surdos.

Quadro 1 - Amostra de ocorrências nas postagens coletadas

FUNÇÃO	QUANTITATIVO	AMOSTRA DE OCORRÊNCIAS
FELICITAÇÃO	107	Feliz dia dos Intérprete Libras (LIBRAS). Parabéns todas vocês ❤️❤️❤️ Parabens feliz ano novo 2021

EXPRESSÃO DE DESEJO	28	Parabéns explicar tudo! Se comer certo e pode diabete curar ou demora até velho? Parabéns muitas felizes
		Tomará dar certo 🙏🙏🙏🙏🙏🙏
		GABI 🌹🌹 VOCÊ MUITO LINDA SUA LINDA ESTÁ PARECENDO UMA GRANDE JORNALISTA PARABÉNS LINDONA...BJS 😊😊 SUCESSO BELO TRABALHO DEUS TE ABENÇOE 😊🌹
		parabéns desejo feliz ano novo para frente luta de estudante

Fonte:A autora.

Mapeamos 107 ocorrências de construções com função de felicitação, das quais os tipos mais frequentes foram materializados, a maioria com alguma incompatibilidade, pelos esquemas [FELIZ/ FELICIDADES X] e [PARABÉNS X]; e seus subesquemas [(MUITAS) FELICIDADES (S_{Prep})]; [FELIZ SN] e [PARABÉNS S_{Prep}], [PARABÉNS SN_{vocativo}]. Dentre as 28 ocorrências com função de expressar desejo, encontramos o esquema mais geral [(X) (QUE) S V O]_{DESEJO} e os subesquemas, [SV_{DESEJAR} SN]; [Deus V_{ABENÇOAR}] [Tomara que SVO], a maioria também com alguma incompatibilidade no nível da forma. Das 135 construções mapeadas (107 de felicitação e 28 de expressão de desejo), 66 construções de felicitação (49%) apresentam alguma incompatibilidade com o uso do PB escrito e 41 construções de felicitação sem incompatibilidade (30%). Das 28 construções de desejo, 23 delas (17%) apresentam incompatibilidade com o uso do PB escrito e 5 construções (4%) apresentam-se sem incompatibilidade. Na próxima seção, os dados exemplificados no Quadro 1, além de outros com alguma incompatibilidade, serão analisados.

6.2 Categorias desviantes: evidências sobre a representação das construções

As análises desta seção são conduzidas a partir de sete das oito categorias propostas em Freitas *et al.* (2018) e mais uma que nos parece pertinente para apontarmos evidências sobre o *constructicon* de surdos usuários de duas línguas em contato. Entendendo que o

produto (o texto) revela potencialmente a configuração das construções já armazenadas e os processos atuantes na conformação da L2 na cognição de seu usuário, mobilizamos explicações relativas aos processos cognitivos de domínio geral para discussão dos fenômenos.

6.2.1 Inserção indevida de itens gramaticais/lexicais

Conforme revisamos no capítulo 2, a **inserção indevida de itens** é uma das categorias relacionadas ao uso de itens lexicais e/ou gramaticais em combinações impróprias observadas em contexto intrasentencial. Por uma perspectiva construcional, as ocorrências de itens que convencionalmente não compõem determinadas construções, mas compõem outras, são inseridos, descaracterizando certos usos do PB. Ou seja, o indivíduo insere itens de natureza lexical e/ou gramatical em construções, e, assim, transformam usos já convencionalizados em PB, o que compromete, em muitos casos, a fluidez da leitura e a clareza textual. Desta forma, observa-se nesse mecanismo de inserir-se indevidamente um item lexical ou gramatical, uma coerção, pois leva o aprendiz a fazer uma interpretação forçosa do material linguístico. Os dados a seguir exemplificam essa categoria:

- (1) Oração vai logo acabou... Eu não sei Deus **em** abençoar **pra** vocês amém.. (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: QUARENTENA)
- (2) Vc Feliz **de** Natal **de** Ano Novo 2020.Vc amiga Surdas Maravilhosa da Parabéns. (Facebook da INES; TEMA DA CONVERSA: FESTAS DE FIM DE ANO)
- (3) Parabéns **de** Tv ines.. (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: ANIVERSÁRIO DA TV INES)
- (4) Parabéns feliz INES surdos **as** Deus abençoe... (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: ANIVERSÁRIO DE 163 ANOS DO INES)

Esta categoria pode estar associada ao processo de analogização, comumente tratado como hipercorreção/ supergeneralização de padrões recorrentes na L2, tais como [S V SPrep]; [SN SPrep SN], mas que não são únicos na língua. A preposição ‘em’ pode ser empregada no PB em construções com função de expressar lugar, situação, tempo, modo, meio, forma, duração etc. Os contextos de uso determinarão qual preposição usar para que seu sentido não

seja prejudicado. No exemplo (1), a inserção de ‘em’ e ‘pra’ não compõe uma combinação convergente com o padrão [(X) (QUE) S V X]_{DESEJO}, comumente materializado como ‘Deus abençoe X.’ O internauta surdo parece supergeneralizar padrões construcionais com preposição, muito frequentes em PB e salientados como necessários, em avaliações dos textos escritos produzidos na escola. Quando o surdo seleciona a preposição ‘em’, ele parece supergeneralizar esse uso. Esse processo parece se repetir quando esse usuário/aprendiz seleciona a preposição ‘para’, possivelmente, com a intenção de registrar o sentido de que há um doador e um receptor, isto é, ele inseriu indevidamente a preposição ‘para’, que tem o sentido de transferência, mas que não se encaixa neste contexto.

Se a construção em questão, em sua forma convencionalizada em PB, não representa um bloco, isto é, um *chunk* forte (cf. BYBEE, 2016) ou uma unidade entrincheirada (cf. HILPERT, 2019; HÖDER, 2018) na rede construcional do indivíduo, tem-se um caminho aberto para a supergeneralizações e mesclas de construções.

No exemplo (2), a combinação resultante da inserção do item ‘de’ não encontra exemplares no *input* do PB. Esse exemplo também parece ser resultado de coerção motivada pela instrução formal sobre a alta frequência de itens funcionais no PB, o que levaria à supergeneralização de padrões construcionais com *slots* preenchidos por preposição. Observamos nesse dado a combinação de itens com função adjetiva [SN de Natal] e [SN de Ano Novo] (ex. presente **de Natal**, festa **de Ano Novo**). Pela perspectiva da GCD, é possível que o usuário tenha em seu *constructicon* a idiocrosntrução [SN de SN] (muito produtiva em PB) em competição com a diaconstrução sintática [SN SN]. Esta última teria os dois *slots* preenchidos por material lexical em LIBRAS (<FELIZ DEZEMBRO>) e em PB (‘feliz Natal’). A inserção do item ‘de’ pode ainda indicar um caso de fusão das duas construções, que em algum momento estiveram em competição, pode ter resultado em um *chunk* entrincheirado.

Pode ser possível também que o usuário tenha supergeneralizado esse uso devido a muitos contatos com *inputs* escritos desse contexto, ou seja, de festas de fim de ano (muito provavelmente em anúncios publicitários veiculados em massa durante este período). Além da inserção indevida, observamos a fusão de construções, categoria analisada mais adiante.

No exemplo (3), também ocorre a inserção da preposição ‘de’ em outro padrão (ou subesquema) que não apresenta *slot* para preposição, quando o componente que segue o item ‘parabéns’ é um vocativo [Parabéns SN_{VOCATIVO}]. Pode ser que ele tenha supergeneralizado um uso comum em PB que é ‘aniversário de (...)’ e com isso, tenha selecionado a preposição ‘de’ nesta construção, já que ‘parabéns’ está relacionado, também, ao evento aniversário. Ou

ainda, caso a intenção do surdo não tenha sido usar um item com função de vocativo, outro padrão com um *slot* para preposição pode ter sido recrutado, embora o item acessado para preenchimento de tal *slot* não seja compatível com o padrão [Parabéns **para** SN].

O exemplo (4) nos parece um caso duvidoso de inserção indevida do item ‘as’. Esse item pode ter classificação como artigo, pronome ou de morfema formador de nominais com indicação de gênero feminino plural. Como não se pode perceber os limites de cada possível construção usada no texto escrito, em razão da falta de sinais de pontuação e da combinação sequencial de itens que não se combinam sob restrições de algum padrão do PB, a indicação de que o item ‘as’ está inserido indevidamente em uma construção, tal como [Felicidades SN_{VOCATIVO} e SN_{VOCATIVO}] ou como ([SN_{VOCATIVO} Deus V_{ABENÇOAR}]), parece bastante delicada. Poderia inclusive não ser uma inserção indevida de um item gramatical, caso a intenção do internauta tenha sido usar um vocativo, ou encabeçando, ou fechando uma das construções, em que o item inserido ‘as’ indicaria a inclusão de mulheres surdas, da seguinte forma: “Felicidade, INES e surdos(as)” ou “Surdos(as), Deus abençoe.”. Sem o registro dos parênteses ou de sinais de pontuação na materialização do texto (marcas gráficas ausentes na fala espontânea em qualquer língua), não fica clara a motivação para o uso do item ‘as’.

Encontramos 07 (sete) dados desta categoria, todos de natureza gramatical (pronome, preposição e artigos) e nenhum de natureza lexical. A tabela a seguir mostra que o maior quantitativo de inserção indevida está relacionado ao uso de preposição.

Tabela 2 - Inserções indevidas de natureza gramatical e lexical

GRAMATICAL	Frequência	LEXICAL	Frequência
Preposição	05	-	-
Pronome	01	-	-
“Caso duvidoso”	01	-	-

A partir da observação dos dados referentes à inserção indevida de itens, consideramos que tais usos são indicadores do tipo de representação fraca de como os itens se combinam em tais construções do PB. Seja por pouca ou nenhuma instrução explícita e/ou por contato empobrecido com *input* escrito, ou contato com *inputs* de outros surdos com desvios semelhantes, em redes sociais como o *whatsapp*, *instagram*, *facebook* por exemplo, podemos presumir que essas ocorrências podem decorrer de uma tentativa de adequar os textos ao que parece ao usuário de L2: uma língua com muitos itens gramaticais denota pouco ou nenhum

sentido para ele. A supergeneralização das formas não convencionais do PB parecem explicar as inserções indevidas e pode acabar levando à formação de *chunks* armazenados com impropriedades.

6.2.2 Repetição de itens lexicais e gramaticais

A **repetição de itens lexicais ou gramaticais** também se configura como um dos problemas relacionados à combinação sequencial de itens com formas diferentes e sentido semelhante. Pelo viés construcional, há nas línguas uma grande quantidade de fórmulas que formam *chunks*, ou seja, agrupamentos de itens que coocorrem juntos, como explicam trabalhos de Bybee (2016 [2010]) e de Soares (2018), revisados neste estudo. Nesse sentido, um componente a mais que entra no agrupamento costuma causar efeitos que, no mínimo, quebram a expectativa de usuários nativos. O exemplo a seguir ilustra essa categoria de análise.

- (5) Beleza que **Deus Jesus** abençoe  (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: CASAL DE IDOSOS DE TAIWAN QUE ESTÃO BOMBANDO NAS REDES SOCIAIS)

O exemplo (5) é um caso de “quebra de expectativa” da construção muito frequente na L2 - [(X) (QUE) S V X]_{DESEJO}, em razão de um item a mais, sem elemento de coordenação (Deus e Jesus) que justifique seu uso e não seja identificado como uma repetição de itens de mesmo campo semântico. Se de fato a intenção do surdo foi a de indicar dois sujeitos agentes da ação de abençoar, pode-se pensar que o não preenchimento do *slot* de coordenação com o item ‘e’ seria um efeito de transferência da L1 que não necessariamente realizaria um sinal para coordenar os dois agentes. Então, temos aqui uma representação da interlíngua nesse caso porque na Libras, os surdos não recorrem à conjunção aditiva ‘e’ na fala (sinalizada).

Elementos prosódicos como a pausa, o ritmo ou mesmo indicações faciais poderiam ser suficientes para marcar dois agentes, a exemplo de uma sequência de enumeração de itens, sem a necessidade do sinal manual aditivo da Libras. O surdo, no enunciado, materializa o componente ‘que’ no início da construção e não materializa o beneficiário da ação, o que marca uma configuração possível para a construção de expressão de desejo no PB. É possível que neste caso tenha ocorrido uma categorização, processo cognitivo muito comum ao ser

humano. O ser humano possui a habilidade de agrupar os objetos linguísticos que apresentam similaridades, como expressões que indicam ações, ou nomes, ou atributos. Neste dado observamos duas entidades que possuem os mesmos atributos e por este motivo, podemos deduzir que há uma categorização aqui.

De acordo com a GCD, pode ser que o usuário tenha entrincheirado os nomes ‘Deus’ e ‘Jesus’ como uma única entidade. Höder explica que as construções podem ser (mais ou menos) entrincheiradas na interlíngua do aprendiz, isto é, não representam padrões convencionalizados na LA. Percebe-se isso na construção criada [Que Deus Jesus abençoe] uma construção não canônica do PB. Abaixo temos a tabela com o dado encontrado:

Tabela 3 - Repetição de itens gramatical e lexical

LEXICAL	Frequência
Nome	01
-	-
-	-

No *corpus* levantado, em termos quantitativos, essa categoria não abarcou amostra significativa, assim como no estudo de Freitas *et al.* (2018). O mapeamento dos dados mostrou apenas um exemplar contra três encontrados no estudo de 2018.

6.2.3 Troca de itens lexicais e gramaticais

Troca de itens lexicais/gramaticais se constitui em uma categoria que abarca colocações de itens em *slots* que compartilham traços compatíveis apenas: ou pela categoria gramatical, mas não pelo lexema; ou pelo lexema, e não pela categoria gramatical. Ou seja, o preenchimento do *slot* fere alguma restrição ou de forma, ou de significado. Os enunciados que apresentam esse tipo de divergência sugerem fortemente uma competição entre os itens da L2, como demonstrou estudos de Soares (2018; 2020) e o fenômeno de hipercorreção, conforme estudo de Freitas *et al.* (2018).

Os exemplares a seguir ilustram esta categoria de análise.

(6) Parabéns **felicidade** ano novo 🙌🙌🙌 (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: MENSAGEM DE FIM DE ANO)

(7) Parabéns luta cega e Deus abençoe **forte** 🙌🙌🙌🙌 (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: CONHEÇA O SINAL DE UMA RENOMADA CONFERENCISTA E ATIVISTA SOCIAL SURDOCEGA)

(8) Parabéns **no** INES. Eu estou saudades era jovem ex alunos (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: ANIVERSÁRIO DE 163 ANOS DO INES)

As trocas parecem indicar que os surdos recorrem ao repertório armazenado com várias inconsistências morfossintáticas, observadas nos itens trocados. Essas trocas divergem dos padrões recorrentes na L2, tais como [FELIZ SN]; [PARABÉNS SPrep] e [(X) (QUE) S V X]DESEJO.

No exemplo (6), observamos a troca do adjetivo ‘feliz’ pelo nominal de mesma raiz ‘felicidade’. Essa troca indica que a construção [Feliz ano novo] não é um *chunk* forte, em que o *slot* inicial é sempre preenchido pelo vocábulo ‘feliz’ quando combinado com o construto ‘ano novo’. Seguindo essa hipótese, parece que o surdo acessa item a item, e não o bloco de itens; o usuário faz a seleção entre dois competidores cuja morfologia não é indicativa de sentidos para ele. Isso foi observado no exemplo (7), onde o advérbio ‘fortemente’ foi trocado pelo adjetivo ‘forte’. Observamos aqui o processo cognitivo de analogização condicionadas pelas formas parecidas e por ambas pertencerem ao mesmo campo semântico.

Já no exemplo (8), a troca da preposição ‘no’ no lugar da preposição ‘para’ demonstra a supergeneralização do uso das preposições do PB. O internauta poderia ter utilizado também a preposição ‘a’ seguida do artigo definido ‘o’ na construção [Parabéns SPrep] preenchendo perfeitamente o *slot* SPrep. Mas, provavelmente, devido ao armazenamento de muitas das preposições em seu repertório linguístico, o surdo aqui produziu frases não convencionalizadas no PB porque não conseguiu alcançar os diferentes usos das preposições no PB. Esse processo é percebido também nos exemplos (6) e (7). Provavelmente houve a gramaticalização de réplica que é um subtipo característico de construção gramatical que é acionado pelo contato linguístico. A gramaticalização de réplica consiste no uso de apenas materiais nativos. A influência do contato linguístico não é visível no elemento das novas construções criadas, somente na forma em que os materiais nativos foram selecionados. Essa seleção retrata o processo de gramaticalização que ocorreu no contato linguístico. Hilpert afirma que a influência do contato linguístico não é aparente na substância das construções

novas criadas, mas somente na maneira em que os materiais nativos foram selecionados. O autor reforça que essa seleção representa o processo de gramaticalização que sucedeu no contato linguístico.

Todas as observações sobre os dados acima nos levam a identificar o processo cognitivo de analogização, como nos exemplos (6) e (7), nos quais ‘felicidade’ e ‘forte’ foram aplicados pela similaridade da forma, isto é, os surdos fizeram uma analogia motivada pela forma, contudo, não consideraram os significados que variam de acordo com o contexto. ‘Forte’ é um adjetivo e seu uso é adequado ao contexto que expressa uma característica de um objeto ou de um ser como, por exemplo ‘Deus é forte’. Assim como no nome ‘felicidade’ usado em contexto que expressa um estado como, por exemplo ‘Desejo toda felicidade!’ Já o exemplo (8) observamos uma supergeneralização do uso das preposições do PB.

Encontramos 10 (dez) ocorrências dessa categoria. Das 06 encontradas, 04 (quatro) ocorrências são de natureza lexical (nome, adjetivo e advérbio) e 02 (dois) de natureza gramatical (pronome e preposição). Na tabela a seguir, percebemos que a troca de itens lexicais e gramaticais apresenta uma quantidade igual de ocorrências.

Tabela 4 - Troca de itens lexicais/gramaticais

GRAMATICAL	Frequência	LEXICAL	Frequência
Preposição	03	Adjetivo	01
Pronome	01	Advérbio	01
Artigo	01	Substantivo	02
		Verbo	01

Na Libras, provavelmente a L1 destes indivíduos, esses itens não possuem as mesmas características do PB. Por exemplo, na língua de sinais a categoria de preposições dispõe de um número bem reduzido de elementos, principalmente as preposições de circunstâncias de lugar.

Do mesmo modo, na Libras, os pronomes que representam as pessoas do discurso funcionam diferentemente do PB. Utiliza-se a configuração da mão em “d” (dedo indicador estendido) para representar as pessoas do discurso no singular e no plural, a única diferença é a orientação da mão que indicará o singular, o dual, o trial, o quatrial e o plural (EU; NÓS-2, NÓS-3, NÓS-4, NÓS GRUPO, NÓS-TOD@). O mesmo ocorre na segunda pessoa e na terceira pessoa.

O surdo pode também indicar a terceira pessoa, que está presente, fazendo sinais corporais como um sinal com os olhos ou movimentos leves da cabeça em direção à pessoa. Neste caso, o usuário mantém uma reserva, por educação, e não aponta para esta pessoa diretamente.

O substantivo em LIBRAS fica evidente na frase, mas, diferentemente do PB, geralmente, fica em último lugar. Como na língua de sinais não apresenta em suas formas verbais a marcação de tempo, os advérbios geralmente vêm no início da frase. Para marcar o tempo passado, futuro ou presente o surdo usará itens lexicais, ou sinais adverbiais com parâmetros como movimento, configuração de mão e expressão facial/corporal.

Já os adjetivos apresentam sinais que formam uma classe própria na LIBRAS. Apresentam-se na forma neutra, isto é, sem marcação de gênero (masculino e feminino), e número (singular e plural). Muitos dos adjetivos são representados em forma de desenho no ar ou mostrando a partir do objeto ou do corpo do emissor. Na frase, os adjetivos normalmente vêm após o substantivo que o qualifica. Por este motivo, com o intuito de adequar o texto escrito da LA, esse grupo possa ter realizado tais trocas.

6.2.4 Apagamento de itens gramaticais

O fenômeno do **apagamento** é observado nos dados em que não há preenchimento de um ou mais *slots* de uma construção. Identifica-se uma lacuna em dada construção, que pode estar associada à transferência de um padrão idioconstrucional da LIBRAS – mais entrincheirado – que ganha a competição com outro padrão idioconstrucional do PB. A configuração de enunciados sem preenchimento de *slot* que compõem dada construção pode causar incompreensão em algum nível dos sentidos intencionados pelo usuário/aprendiz da L2, a seu interlocutor.

A seguir, apresentamos exemplares desta categoria:

(9) Parabéns, trabalho p notícia p todos 🙌🙌🙌 (Instagram da TV INES; TEMA DA CONVERSA: VACINAÇÃO EUA/BRASIL)

(10) Parabéns explicar tudo! Se comer certo e pode diabete curar ou demora até velho? (Instagram da APADA; TEMA DA CONVERSA: DIABETES)

(11) Parabéns Que Deus abençoe Ines surdos (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: ANIVERSÁRIO DE 163 ANOS DO INES)

Podemos observar no exemplo (9) que o surdo apaga a preposição ‘pelo’ do enunciado de felicitação deixando, gramaticalmente, uma lacuna na estrutura frasal do PB que traz o padrão [PARABÉNS SPrep]. Podemos inferir que esse apagamento se deu pelo fato de que na L1 não recorre à preposição como na LA e, dessa forma, a pessoa fez uma transferência da L1 para a L2. O mesmo observamos no exemplo (10) onde a preposição ‘por’ foi apagada.

Já no exemplo (11), o internauta apagou a conjunção aditiva ‘e’ que tem a função de coordenar dois itens lexicais da construção deixando esse *slot* vazio. É evidente o problema gramatical gerado também pela falta da pontuação (vírgula) que tem a função de separar o vocativo. Podemos inferir que esse apagamento se deu também pela transferência da L1 para a L2.

Observamos, nos três exemplos, marcas de transferência que se caracterizam pela interlíngua. Os surdos que produziram esses enunciados demonstraram que ainda estão no processo de aprendizagem da L2 e, por este motivo, produzem frases não habituais em PB. A partir da perspectiva da GCD, observamos que há a diaconstrução, pois ocorre uma generalização na forma-função na base da ligação entre as línguas (LP escrito e LIBRAS). Mais uma vez, percebe-se o entricheiramento em relação aos usos das preposições do PB.

Encontramos 22 (vinte e dois) dados desta categoria, sendo que 18 (dezoito) de natureza gramatical (conjunção, preposição e artigos) e 04 (quatro) de natureza lexical (nome e verbo). Na tabela a seguir, percebemos que a troca de itens lexicais e gramaticais apresenta uma quantidade igual de ocorrências.

Tabela 5 - Apagamento

+GRAMATICAL	Frequência	+LEXICAL	Frequência
Preposição	08	Nome	03
Conjunção	06	Verbo	01
Artigo	02	Adjetivo	02

A partir desses exemplos, percebemos que os usuários mostraram dificuldades no uso da L2, muito provavelmente, porque esteja em um determinado estágio de aprendizagem dessa língua. Os apagamentos acarretam problemas sintáticos que tornam, muitas das vezes, os enunciados agramaticais ou com sentidos distorcidos.

6.2.5 Problemas de concordância e de troca de modos e tempos verbais

Problemas morfossintáticos refletidos nas construções são observados como divergências combinatórias, relativas à **concordância verbal e à troca de modos e tempos verbais**. Os problemas encontrados nesta pesquisa também podem estar relacionados à natureza da interlíngua. Considerando que na L1 a flexão de tempo, modo e pessoa ocorrem por mecanismos discursivos contextuais e espaciais, a flexão verbal da LA é um aspecto do sistema que gera dificuldades para os surdos. Por este motivo, há forte tendência que os verbos sejam escritos na forma infinitiva, ou com flexões inapropriadas.

(12) Legal. **Abençoas** Deus (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: DIA DOS PAIS)

(13) Parabéns que Deus coisas muito lindo pra vc **fez** (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: ENTREVISTA COM O ATOR HUMBERTO CARRÃO)

A interferência da L1 é caracterizada por transferências de aspectos morfossintáticos do sistema linguístico da L1 para modalidade escrita da L2. O que ocorre é a busca de uma “ajuda” na estrutura da língua materna, de modo a obter o apoio que lhe proporcione uma produção em L2 com menos lacunas. Percebe-se isso no exemplo (12). Ao analisar este dado, podemos inferir duas leituras distintas: (a) o internauta trocou o modo subjuntivo ‘abençoe’ pelo modo indicativo ‘abençoas’ seguida da inversão do agente ‘Deus’ e, (b) o internauta trocou o modo subjuntivo pelo modo imperativo ‘abençoas tu’, preenchendo o *slot* ‘tu’ com o nome ‘Deus’, que gerou também um problema de concordância verbal. Ao observarmos o exemplo, percebemos que a troca da forma verbal, provavelmente, possa ter ocorrido por não saberem distinguir as formas verbais, já que na sua L1 essas flexões ocorrem de outro modo.

Já no exemplo (13), o internauta utiliza a forma de passado ‘fez’ no lugar da forma ‘faça’ (tempo presente do modo subjuntivo). Além da troca de tempo e modo verbais, houve um deslocamento do verbo. Esse exemplo permite duas leituras, pois é possível, na LA: (i) utilizando o verbo ‘faça’ “Parabéns! Que Deus faça coisas muito lindas para você como em [(Que) Deus faça (X)] e (ii) utilizando o verbo ‘dar’ – “Parabéns! Que Deus te dê coisas muito lindas como em [(Que) Deus (te) dê (X)].

Percebe-se que os surdos que produziram esses enunciados não armazenaram o *chunk* ‘Deus abençoe’ da LA, embora na Libras a ordem seja semelhante [DEUS ABENÇOAR + a

indicação de direção ao receptor]. Assim como não armazenaram a estrutura frasal da LA (SUJEITO + VERBO + OBJETO). O problema está no uso dos verbos em PB escrito. Sob a ótica da GCD, o aprendiz sempre buscará uma correspondência entre a sua língua nativa e a LA. Há aqui uma diaconstrução, isto é, a generalização da forma-função das línguas em contato. Há também uma transferência nesses dados. Podemos atribuir esse processo de transferência à interlíngua desses sujeitos que demonstram estar ainda em processo de aprendizagem do PB escrito.

Nos dados coletados para esta pesquisa não foram encontrados problemas de concordância verbal, já que as construções de felicitação (maior quantitativo dos dados) não definem um *slot* específico para verbo. Encontramos apenas duas ocorrências de troca de modo verbal em construções de expressão de desejo. A tabela a seguir mostra os exemplares encontrados:

Tabela 6 - Problemas de concordância e de troca de modos e tempos verbais

Tempo/Modo	Tempo/Modo	Frequência
<i>Abençoas</i> Presente do indicativo	<i>Abençoe</i> Presente do subjuntivo	01
<i>Fez</i> Pretérito Perfeito do indicativo	<i>Faça</i> Presente do subjuntivo	01

6.2.6 Problemas de concordância nominal

Os **problemas de concordância nominal** são inadequações e/ou ausência das relações entre as classes gramaticais. Embora não seja recorrente exclusivamente na escrita do surdo, assim como acontecem com os verbos, a concordância dos nomes também representa dificuldades para a escrita do surdo. Ou seja, realizar a concordância de gênero e número é uma das dificuldades no uso da LA por estes indivíduos.

Percebemos que o problema relacionado à concordância nominal também pode estar relacionado à natureza da interlíngua. Considerando que na L1 a flexão de gênero e número é realizado por mecanismos discursivos contextuais e espaciais, tais flexões na LA geram dificuldades para os surdos. Observa-se que o aprendiz produz, com base no uso, uma rede de representação cognitiva formada por construções tanto de sua L1, quanto da LA. Nos dados

analisados aqui, a interlíngua resultou em distorções na L2, embora não tenha comprometido a inteligibilidade do processo comunicativo.

A partir dessas representações distorcidas, podemos observar se essas transferências já não foram fossilizadas na gramática deste usuário. Os fenômenos linguísticos fossilizados são itens linguísticos, regras e subsistemas que usuários de uma determinada língua materna tendem a manter em sua interlíngua relativa a uma determinada língua-alvo. Esse processo independe da idade do aprendiz e da quantidade de esclarecimentos e instruções que esse indivíduo recebe em língua-alvo. Abaixo apresentamos os exemplos dessa categoria:

(14) Feliz **dia dos Intérprete Libras (LIBRAS)** . **Parabéns todas vocês** ♡♡♡

(Instagram da TV INES; TEMA DA CONVERSA: MISTÉRIO DOS CONSUMIDORES QUE RECEBERAM EM CASA PACOTES DE SEMENTES SEM SEREM SOLICITADAS)

(15) FELIZ **DIAS DO SURDO** PRA VC TBM (Facebook do INES; TEMA DA CONVERSA: DIA NACIONAL DO SURDO)

(16) Parabéns **minha irmão** ♡♡ (Facebook do INES; TEMA DA CONVERSA: DIA NACIONAL DO SURDO)

No exemplo (14), encontramos nos enunciados de felicitação dois problemas de concordância: um de gênero e outro de número. O surdo em questão usa ‘Feliz dia dos Intérprete’ e ‘Parabéns todas vocês’ denotando pouco conhecimento das regras de concordância da LA e, por este motivo, não soube realizar essas flexões. Podemos observar o mesmo nos exemplos (15) que traz o problema de concordância de número ‘feliz dias do surdo’ cuja marca do plural está no nome ‘dia’ e não na locução adjetiva ‘do surdo’ e (16) que traz o problema de concordância de gênero ‘parabéns minha irmão’. Na L1, o surdo usa o sinal que determina o gênero. Observa-se aqui que o problema é a competição entre as construções L1 e L2. Nessa competição, a mais entrincheirada, ou seja, a construção da L1, tem mais força.

Após observar esses usos discordantes em relação às restrições combinatórias do PB, sugerimos que pode ter havido tanto uma transferência da L1, quanto uma experiência pobre com esses tipos de ocorrências. Na Libras (LIBRAS), há muitas formas de substantivos e verbos apresentarem a flexão de número, o plural com essa flexão não acontece em substantivos, adjetivos e pronomes. O surdo pode fazer a diferenciação entre singular e plural repetindo o sinal, ou faz a marcação indicando os numerais. Quando se trata da flexão de gênero, na Libras, ele pode utilizar um sinal específico [HOMEM]/ [MULHER] seguido do

sinal principal, essa marcação do sexo abrange tanto para pessoas quanto para animais (BERNARDINO, 1999; QUADROS e KARNOPP, 2004; QUADROS e KARNOPP, 2009), A seguir, apresentamos a tabela com o total de frequência dessa categoria. Nesta pesquisa, encontramos 10 (dez) ocorrências de problemas de concordância nominal, tanto de número, quanto de gênero.

Tabela 7 - Problema de concordância nominal

CONCORDÂNCIA NOMINAL	Frequência	CONCORDÂNCIA NOMINAL	Frequência
Número	08	Gênero	02

6.2.7 Fusão de construções da língua alvo

A **fusão de construções** é um problema que envolve pelo menos dois padrões de uma ou das duas línguas em contato. O usuário combina dois esquemas construcionais da LA, ou um da L1 e outro da L2, e produz um padrão construcional agramatical, segundo Freitas *et al.* (2018). Ou seja, produz um padrão construcional que não cabe a nenhum dos dois sistemas linguísticos. Mas, ao atentarmos para as formas, as características dos dois padrões que sofreram a fusão podem ser recuperadas.

O processo mescla de construções da LA é observado na categoria fusão de construções da língua alvo. Esse processo é relativo às particularidades estruturais e discursivas da gramática da LA. Segundo Freitas *et al.* (2018), esse processo versa sobre o uso e mescla de construções típicas do PB, denotando o modo como o falante projeta mentalmente, de forma concomitante, determinadas expressões portadoras de valores semânticos bem delineados e cabíveis a um dado contexto. Abaixo apresentamos os exemplos dessa categoria:

(20) Vc **Feliz de Natal de Ano Novo 2020**.Vc amiga Surdas Maravilhosa da Parabéns. (Facebook da INES; TEMA DA CONVERSA: MENSAGEM DE FIM DE ANO)

(21) **Feliz Natal ano novo** (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: MENSAGEM DE FIM DE ANO)

(22) Parabens **feliz ano novo 2021** (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: MENSAGEM DE FIM DE ANO)

Os exemplos (20), (21) e (22) trazem, respectivamente, fusões de construções de felicitação: ‘Feliz Natal’, ‘Feliz ano novo’, ‘Feliz 2020’. Encontramos nesses exemplos a construção mesclada de enunciados de desejo típicos de festas de fim de ano. Os internautas surdos mesclam padrões que se realizam com SNs semelhantes no sentido, mas diferentes na forma. Podemos inferir que a motivação para a existência dessas fusões pode ser por conta da instrução, recebida nas aulas, de que na escrita do PB deve-se evitar a repetição dos itens lexicais. Desta forma, para não repetir o item ‘feliz’, fundiram as construções.

Como podemos observar nos exemplos acima, todas as construções que sofreram fusão puderam ser recuperadas. Sugerimos que tais fusões ocorreram pelo fato de os surdos não terem armazenado as construções como blocos fixos ou *chunks*, tal como convencionalizado por usuários nativos do PB. A motivação para esse não armazenamento pode estar associado ao contato insuficiente com o *input* escrito.

Observamos o estabelecimento da supergeneralização que, às vezes, conduz às diaconstruções. Esse processo faz com que os aprendizes de L2, comumente, formem diaconstruções demasiadamente permissivas ou demasiadamente restritivas.

Nesta pesquisa, encontramos 8 (oito) ocorrências. Abaixo apresentamos a tabela com os dados encontrados e, em seguida, os exemplos dessa categoria:

Tabela 8 - *Fusão de construções da língua alvo*

Itens com traço de oralidade	Frequência⁷
Feliz de Natal de Ano Novo 2020	01
Feliz Natal ano novo	01
feliz ano novo 2021	01

⁷ Apresentamos na tabela somente as ocorrências apresentadas nas amostras analisadas.

6.2.8 Pontuação

Nesta pesquisa, a **pontuação** será tratada à luz da textualidade, ou seja, da construção do sentido, visto que no gênero textual pesquisado (postagens em ambientes virtuais), não há um rigor na aplicação das regras da norma culta. Trabalhamos com a troca de pontuação (uso de reticências no lugar da exclamação), uso indevido da vírgula e o uso dos *emojis* no lugar da pontuação.

Problemas de troca da pontuação e uso indevido da vírgula acarretam dificuldades em depreender o que de fato está sendo enunciado, pois, a troca de pontuação, no caso as reticências no lugar da exclamação (no enunciado de felicitação) pode mudar o sentido da sentença, ou, até mesmo, a não atribuição de sentido. A pontuação na escrita atua para chamar a atenção no texto, conceder a fluidez na leitura, como uma espécie de sinalização, ela guia e organiza o texto. A pontuação também pode ser um indicador de pausas, mas não é uma regra porque a pausa na fala, obrigatoriamente, não exige vírgula na escrita (TENANI, s/d)⁸.

Tenani (2021) faz um questionamento pertinente: como as ausências das vírgulas indicadas a partir de relações sintáticas poderiam ser explicadas? (p. 121) e discorre a respeito a fim de buscar resposta a seu questionamento. A princípio, a autora declara que essas ausências são interpretadas como sem motivação linguística, pois decorrem da falta de conhecimento das regras de emprego das vírgulas e, mais adiante, embasada em Chacon (1998), declara que essa ausência, “quando analisada de uma perspectiva que almeja descrever o funcionamento das estruturas linguísticas, é efeito de relações entre estruturas sintáticas e fonológicas.” (p. 127). Partindo deste ponto, faz-se necessário falar a respeito do usuário surdo porque, se considerarmos o uso das vírgulas embasado na estrutura fonológica, estes usuários seriam prejudicados, visto que não têm a percepção fonológica, pois, nem todos os surdos são oralizados.

A autora segue declarando que essas características prosódicas têm a função de delimitar e hierarquizar os enunciados falados. A pausa estabelece “uma fronteira prosódica e os contornos entoacionais delimitam e estabelecem relações sintático-semânticas entre os enunciados.” (p. 131). Para Tenani, é relevante que a análise sobre as vírgulas seja fundamentada sob as perspectivas das relações entre fala e escrita e, dessas, no tocante a práticas orais e letradas. Mas, como ficam os estudantes surdos se analisarmos de fato o uso

⁸ <http://www.roseta.org.br/2020/05/06/pausa-e-virgula-virgula-e-pausa/>

da vírgula considerando os aspectos de pausa e tom suspensivo? Os usuários surdos não conseguiriam alcançar os usos da vírgula. Eles têm, em sala de aula, o ensino PB escrito e os aspectos fonológicos não são salientados.

Tenani traz a baila a dicotomia fala x escrita, criada na década de 70 e se posiciona a respeito:

Crítico a essa concepção dicotômica e às consequências para o Ensino Fundamental que decorrem dessa concepção, Marcuschi (2001, p. 37) defende que “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do continuum tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos”. Nessa proposição, constata-se que mobilizar os conceitos de “oralidade” e “letramento”, enquanto práticas sociais, rompe com a abordagem teórica predominante nos estudos sobre linguagem que tratam de fala e escrita a partir de bases semióticas (fônico versus gráfico) e, alternativamente, estabelece a organização textual-discursiva como base para análise de relações entre fala e escrita. Essa proposta bebe das fontes da perspectiva sociointeracionista da linguagem que concebe língua como fenômeno interativo e dinâmico. Nessa perspectiva, fala e escrita igualmente apresentam propriedades dialógicas e dinâmicas, marcadas por usos estratégicos e por funções interacionais. Essas propriedades são estabelecidas a partir de postulados da Análise da Conversação e da Linguística Textual, principalmente, que se encontram divulgados em Koch (1992, 1997), dentre outros. (pp. 136-137)

Em suma, a produção – sonoro x gráfico e a concepção discursiva – oral x escrita são deixadas de lado para apreender o quão profundo são as relações entre as modalidades linguísticas (fala e escrita) e as práticas sociais (orais e letradas). MARCUSCHI (2001 *apud* Tenani 2021) apresenta uma projeção em que há a distribuição dos gêneros textuais em relação à fala e à escrita. Desta forma, é estabelecido um “contínuo de gêneros textuais” que distinguem e correlacionam os textos das modalidades faladas e escritas num grau de variações (textuais-discursivas, lexicais, etc.). O gênero *post* em redes sociais é um exemplo desse contínuo, pois, tem por característica a escrita próxima da fala. Essas postagens são práticas sociais e, de acordo com Marcuschi, estão ligados às práticas orais/letradas. Tenani declara que essa perspectiva está ancorada no princípio bakhtiniano de dialogicidade da linguagem que assume toda produção de linguagem como resultado de um já dito/ouvido e escrito/lido. De acordo com essa abordagem, a fala e a escrita são admitidos como modos de enunciação dos sujeitos da linguagem.

Como uma possível explicação para os usos (corretos ou não) da vírgula pelo usuário surdo, podemos nos basear na noção de gesto, abordada em Tenani (2016, *apud* Tenani 2021). A autora apresenta duas noções: a) os “gestos articulatórios”, percebidos pelo aparelho auditivo “(portanto, há produção e percepção de estímulos acústico-articulatórios)”; b) os

“gestos gráficos”, feitos pela mão e percebidos pela visão “(portanto, há produção e percepção de marcas gráfico-visuais)”. Para a autora:

São, portanto, gestos que se realizam em bases semióticas distintas, porque estão mobilizadas materialidades distintas: a fônica e a gráfica. Estariam aí as bases semióticas que sustentariam a dicotomia entre fala e escrita, perspectiva anteriormente apresentada. Porém, o conceito de “gesto rítmico” engloba ambos os gestos e, desse modo, captura a heterogeneidade da escrita quanto à materialidade que lhe constitui. (p. 142)

Os surdos podem captar esses gestos produzidos pelo corpo durante a interação e perceber na fala do outro esses traços. Há uma representação da fala na escrita advindas das práticas sociais que esse surdo experienciou ou que captou (ou não) pelas instruções na escola.

No artigo de Freitas *et al.* (2018) a categoria pontuação não é observada, mas há uma diferença entre o artigo e a presente pesquisa: quando um usuário escreve um *e-mail* (fonte dos dados investigados no referido estudo), ele não escreve como fala, ao menos não é o que se espera em termos convencionais. Percebemos que os enunciados de expressão de desejo/felicitação apresentam maior incidência de problemas relacionados à pontuação.

Nesta pesquisa, encontramos 64 ocorrências de ausência e/ou uso incorreto/ troca de pontuação, ou realização de pontuação que compromete a compreensão dos enunciados de felicitação e de expressão de desejo. A maior incidência foi de ausência da exclamação, ou o uso de outra pontuação no lugar dela (troca de pontuação) assim como o uso dos *emojicons* no lugar da pontuação. Ressaltamos que a não seleção da exclamação não se configura um erro, mas um estilo do usuário.

Já a ausência da vírgula na materialização escrita da construção [SN_{VOCATIVO}], que representa uma ocorrência significativa, esse sim se configura um erro, pois sob a perspectiva da norma culta, seu emprego é obrigatório, mas acreditamos que a alta incidência seja uma característica típica da escrita em ambientes virtuais, e, a escolha da não seleção não é exclusivamente da escrita do surdo, mas dos ouvintes também.

A seguir, apresentamos exemplos relacionados à pontuação. São exemplares que acarretam problemas referentes à textualidade. Abaixo apresentamos os exemplos dessa categoria:

(23) PARABÉNS FELIZ DIAS DO SURDO PRA VC TBM (Facebook da INES;
TEMA DA CONVERSA: DIA NACIONAL DO SURDO)

- (24) Nossa mto anos atrás antigo admira parabéns Deus abençoe. (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: ANIVERSÁRIO DE 163 ANOS DO INES)
- (25) Amei, contado historia em Libras (LIBRAS) sobre Papai Noel também cadas alunos e professores da Sedim....Feliz Natal pra vcs...☐ (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: CONTAÇÃO DA HISTÓRIA SOBRE O PAPAÍ NOEL)
- (26) Feliz dia dos pais 🧑👤👤👤👤 (Instagram da TV INES; TEMA DA CONVERSA: DIA DOS PAIS)
- (27) Muito bom informações importantes , que ele estava vídeo filme mostra surdos como comunidade ! Parabéns pra ele 🙌🙌🙌🙌 (Facebook da TV INES; TEMA DA CONVERSA: NELSON PIMENTA RECEBE (ENTREVISTA) O ATOR DA SÉRIE CRISÁLIDA CLEITON RIBEIRO)

O exemplo (23) é marcado pela ausência da pontuação construindo, assim, um enunciado com a estrutura comprometida, pois não há separação dos termos sintáticos. Os termos ‘parabéns’ e ‘feliz dias do surdo pra vc tmb’ parecem configurar uma única idioconstrução. Observamos o mesmo caso no exemplo (24). No exemplo (25), a troca da pontuação também é um estilo, assim como a (não) seleção da exclamação (o surdo poderia optar pelo ponto final), mas pode implicar um problema textual, ou seja, de sentido, porque as reticências marcam uma hesitação, uma pausa ou uma omissão. Então, essa troca pode conferir uma leitura contraditória à leitura proposta pelos enunciados de felicitação ‘Deus abençoe..’ e ‘Feliz Natal pra vcs...’

Como podemos observar, problemas com relação à pontuação foram bem significativos nesta pesquisa. Isso não quer dizer que é único e exclusivo dos surdos, ouvintes também têm dificuldades no uso da pontuação. Esses problemas podem acontecer dentro da oração, entre orações e entre parágrafos o que não ocorre apenas nos dados coletados para esta pesquisa. No caso da pontuação, esses problemas se configuram na esfera intra-setencial.

A pontuação pode ser observada pela associação transmodal se considerarmos seus usos, ou não usos, atrelados aos *emojis*. Esses usos incidem muito os contextos (PAIVA, 2016) a que essas postagens estão inseridas. Essa capacidade de associar os intermodais propiciam a ligação entre o significado e a forma.

As interações observadas nesta pesquisa são mediadas pela tecnologia que consente a presença de novos comportamentos discursivos. Desses novos comportamentos, extraímos a incidência significativa do recurso Composição Multimodal, um termo cunhado para a análise do presente trabalho. A composição se caracteriza pelo uso do recurso dos *emoticons* na

escrita, ou seja, o uso da linguagem verbal com a linguagem não verbal. A composição multimodal não se configura por apresentar problemas quanto à adequação escrita e muitas das vezes, é utilizado no lugar da pontuação. É o que observamos nos exemplos (26) e (27) temos o uso dos *emojis* substituindo a pontuação. Caso bem recorrente nos textos produzidos em ambientes virtuais e de uso não exclusivo dos surdos.

Os internautas utilizam também este recurso como uma complementação e, muitas vezes, está na própria construção do sentido do que está sendo dito. Na maioria das vezes, esses *emoticons* representam sentimentos ou ações. São representações de sorrisos, palmas/aplausos, preces entre outros.

6.3 As ocorrências das categorias nas redes sociais de cada instituição

Abaixo apresentamos uma tabela especificando a frequência de cada categoria nas Redes Sociais investigadas. A pesquisa se deu na coleta de dados da TV INES (Facebook e Instagram), da APADA (Facebook e Instagram) e INES (Facebook). Observem:

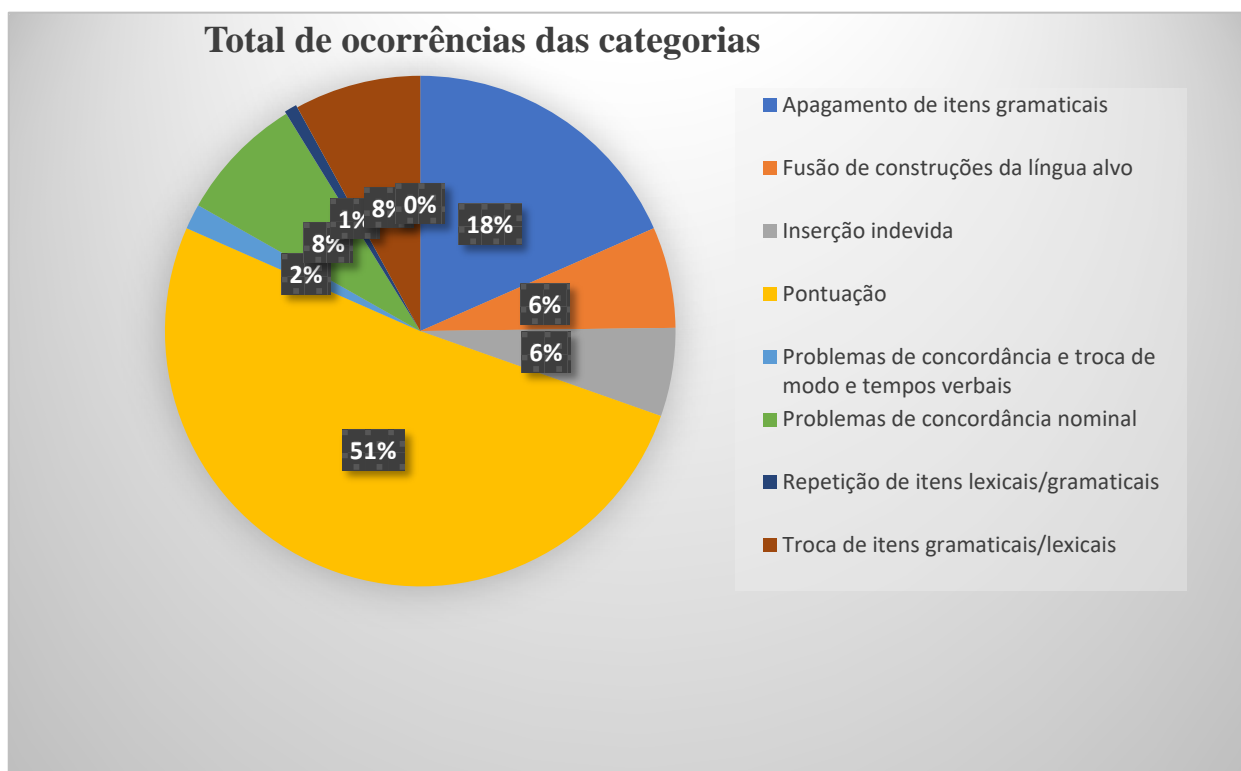
Tabela 9 - Ocorrências das categorias dentro de cada rede social das três instituições

<i>CATEGORIAS</i>	<i>TV INES</i>		<i>APADA</i>		<i>INES</i>
	<i>Instagram</i>	<i>Facebook</i>	<i>Instagram</i>	<i>Facebook</i>	<i>Facebook</i>
<i>Inserção indevida de itens gramaticais</i>	-	05	-	-	02
<i>Repetição de itens lexicais/gramaticais</i>	-	01	-	-	-
<i>Troca de itens gramaticais/lexicais</i>	-	08	-	-	02
<i>Apagamento de itens gramaticais</i>	01	21	01	-	-
<i>Problemas de concordância e de troca de modo e tempo verbais</i>	-	02	-	-	-
<i>Problema de concordância nominal</i>	01	07	-	-	02
<i>Fusão de construções da língua alvo</i>	-	07	-	-	01
<i>Pontuação</i>	05	52	-	01	6

Como podemos observar na tabela acima, a TV INES (Facebook) foi a instituição/rede social que contabilizou a maior ocorrência de todas as categorias investigadas. Temos a ciência de que a rede social *Facebook* é, ainda, a mais popular e, talvez por este motivo, os números tenham sido maiores que no Instagram. Outra observação é referente à instituição. A TV INES é ainda a instituição que registra maior interação dos internautas. As categorias que apresentaram maior ocorrência foram a **Pontuação** (criada nesta pesquisa após percebermos essa incidência crescente), contabilizando 64 dados, seguida da categoria **Apagamento de itens lexicais/gramaticais** com 23 dados e as categorias **Problemas de Concordância Nominal** e **Troca de itens lexicais ou gramaticais** com 10 dados, respectivamente. Por fim, **Fusão de construções da língua alvo** e **Inserção indevida de itens lexicais/gramaticais** com 08 dados, respectivamente.

Continuando nas categorias investigadas, percebemos que umas apresentam maior número de dados que outras, fato observado no panorama global e não institucional/rede social. No gráfico abaixo, apresentamos o panorama, global, do percentual das ocorrências de cada categoria.

Gráfico 1 - Percentual da frequência de todas as categorias



A partir das informações percentuais do gráfico, verificamos que os problemas relacionados à **Pontuação** são os que apresentam maior índice: 47% dos dados coletados. Em

quase todos os enunciados de felicitação/expressão de desejo foram encontrados problemas de ordem textual como consequência da ausência ou troca de pontuação. A segunda categoria **Apagamento de itens lexicais/gramaticais** com 17%, seguida da categoria **Problemas de Concordância Nominal** com 08% do total dos dados.

Segundo a GCBU e a GCD, esses resultados são explicados, pois, a gramática desses indivíduos ainda não está completa. Há ainda muita transferência, interferência da L1 na LA. Esses surdos demonstram que estão, ainda, no processo de aprendizagem da L2.

6.4 Comparando os estudos

Analisando os dados coletados e contrapondo-os aos dados do artigo de Freitas e *et. al* (2018), percebemos que as categorias que mais se destacaram, em números de ocorrências, no artigo, foram as categorias Apagamento, no registro informal, assim como nessa pesquisa, e Troca de Itens lexicais/gramaticais, no registro formal. Observem abaixo a tabela comparativa:

Tabela 10 - Comparando os estudos

<i>CATEGORIAS</i>	<i>Freitas et al. (2018)</i>	<i>Esta Pesquisa</i>
	<i>Frequência</i>	<i>Frequência</i>
<i>Inserção indevida de itens gramaticais</i>	06	07
<i>Repetição de itens lexicais/gramaticais</i>	02	01
<i>Troca de itens gramaticais/lexicais</i>	11	10
<i>Apagamento de itens gramaticais</i>	22	23
<i>Problemas de concordância e de troca de modo e tempo verbais</i>	09	02
<i>Problema de concordância nominal</i>	02	10
<i>Fusão de construções da língua alvo</i>	05	08

O artigo de Freitas *et al.* (2018) propôs 8 categorias para avaliar a escrita do surdo universitário. As produções que o artigo avaliou são textos formais e informais do gênero discursivo *e-mail*. Os autores observaram, por meio dos dados coletados, que havia problemas de diferentes naturezas presentes na produção escrita dos universitários surdos. O artigo visou desenvolver um estudo que investigasse três áreas importantes para definir a qualidade dos textos escritos que de acordo com Freitas *et al.* (2018) são:

a) questões ligadas à (a)gramaticalidade, b) questões ligadas à adequação às normas, culta e/ou padrão, mais típicas do texto escrito e c) questões ligadas à textualidade e os fatores que podem comprometer a coesão e a coerência textual, em maior ou menor grau. (Freitas *et al.* (2018), p. 9)

A partir das premissas do artigo, buscamos checar/testar sete das oito propostas do artigo com a finalidade de observar em que medida essas características se aplicam ao *corpus* dessa pesquisa. É válido salientar que esta pesquisa avaliou textos/ postagens em redes sociais e por este motivo, são informais, esse ponto é o diferencial entre os textos trabalhados na pesquisa e no artigo.

Sendo assim, a pesquisa se caracterizou pela checagem das categorizações de Freitas *et al.* (2018) como também propôs uma nova categoria. A categorização proposta pelos autores tem por objetivo pensar em possíveis futuras intervenções didáticas e queremos ratificar essas intervenções.

Na categoria **Inserção Indevida** foi a terceira categoria com um índice elevado de ocorrências, contabilizando 6 (seis) dados sendo que 4 (quatro) na natureza formal e 2 (dois) na natureza informal. Os seis dados são de natureza gramatical, isto é, os itens inseridos indevidamente foram preposições, o que se assemelha muito a esta pesquisa que identificou 07 dados de inserção indevida. Desse total, cinco dados referentes à inserção da preposição, um referente ao pronome e um caso duvidoso.

A categoria **Repetição de Itens lexicais/gramaticais**, observamos que em Freitas *et al.* (2018), foram contabilizados somente 02 (duas) ocorrências desta categoria. Nessa pesquisa o número foi menor, pois contabilizamos apenas 01 (uma) ocorrência.

Referente à categoria **Troca de Itens lexicais/gramaticais**, observamos que no artigo, os autores encontraram 11 (onze) trocas, sendo que 1(um) no texto informal e 10 (dez) trocas no texto formal, desta última, 7(sete) dados são de trocas de itens lexicais. Nesta pesquisa encontramos 10 (dez) trocas sendo que 05 (cinco) de itens gramaticais e 05(cinco) de itens lexicais. Considerando que os textos analisados nesta pesquisa são todos de natureza informal,

os números levantados aqui excedem ao número encontrado no artigo basilar, no que se refere ao texto informal.

A categoria **Apagamento de itens lexicais/gramaticais** apresentou maior ocorrência na pesquisa de Freitas *et al.* (2018). Dos 22 (vinte e dois) dados analisados, 6 (seis) em textos formais (5 apagamentos de preposições e 1 lexical) e 16 (dezesesseis) em textos informais (9 apagamentos de preposições, 2 apagamentos de pronomes relativos e 5 apagamentos de conjunções). O que não difere muito dessa pesquisa que apresentou 23 (vinte e três) dados de apagamentos sendo que 16 (dezesesseis) de natureza gramatical e 6 (seis) de natureza lexical. Desse total, a preposição apresentou o maior índice de apagamentos, 8 (oito), no total. O fato de o apagamento estar no topo da lista dos problemas mais salientes se dá porque no registro informal o discurso é livre o que gera brechas para a intervenção da L1, isto é, da Libras (LIBRAS). Frisamos que na Língua de Sinais, na maioria das vezes, não se realiza, fonologicamente, alguns itens gramaticais e, possivelmente, por este motivo ocorra tantos apagamentos.

Seguindo o confronto, a categoria **Problemas de Concordância e de Troca verbal**, nos dados analisados no artigo, contabilizou-se um número pequeno. Conforme os gráficos apresentados pelos autores, 6 (seis) ocorrências nos textos informais e 3 (três) nos textos formais. Nesta pesquisa, os números são menores, pois encontramos somente 2 (duas) ocorrências de Troca Verbal e nenhuma ocorrência de Problemas de Concordância verbal.

Em se tratando de problemas referentes à concordância, referente a categoria **Problemas de Concordância Nominal**, observamos que em Freitas *et al.* (2018) foram encontradas 2 (duas) ocorrências nos textos formais e nenhuma ocorrência nos textos informais. Nesta pesquisa, cujos textos são informais e produzidos em fóruns de redes sociais, os números, embora pequenos, são maiores que do artigo, 10 (dez) ocorrências. Provavelmente porque nas redes sociais o ato da escrita não envolve tanto o “pensar” nas regras, isto é, são produções rápidas, assim como na fala. É importante salientar que o surdo faz a marcação de gênero utilizando um sinal específico para cada gênero e o plural com a indicação dos numerais (ordinais e cardinais).

A última categoria checada é a **Fusão de Construções da Língua Alvo**. Percebemos que os dados encontrados nesta pesquisa foram mais proeminentes que os dados do artigo basilar onde os autores catalogaram cinco incidências (4 (quatro) nos textos formais e 1 (um) nos textos informais). Segundo os autores, esse aumento de dados nos textos formais pode ser explicado pelo nível de formalidade exigido no contexto de produção dos textos, mas ressaltam que o registro formal é mais passível por conta da tentativa de adequação à norma

culta. Nesta pesquisa, todos os textos são genuinamente informais e, mesmo assim, apresentou um número significativo, 8 (oito) ocorrências. Presumimos que essa proeminência tenha ocorrido pelo fato de os surdos não dominarem o PB, desta forma, tendem a realizar mais fusões. Ou, por conta da instrução, recebida nas aulas, de que na escrita do PB deve-se evitar a repetição dos itens lexicais.

Outro ponto de confluência entre os dois trabalhos foi a observação dos processos cognitivos implícitos nas categorias. Tanto no artigo, quanto nesta pesquisa foi verificada a atuação de quatro tipos distintos de processos cognitivos subjacentes às ocorrências: (1) hipercorreção/supergeneralização; (2) interferência da L1; (3) interferência da oralidade da LA; (4) mescla de construções da LA.

Assim como Freitas *et al.* (2018) pretendem contribuir para futuras pesquisas e propõem metodologias adequadas e a criação de oportunidade necessária para a melhoria do ensino do aluno surdo, esta pesquisa também se propôs a contribuir com a melhoria do ensino de PBL2 do surdo. Categorizar e identificar os problemas recorrentes da escrita desse público é o início do trabalho oportuno para se chegar aos fins que esperamos.

7 CONTRIBUIÇÕES DA PROPOSTA PARA O ENSINO DE LP/LIBRAS

Quais as contribuições desta pesquisa para o ensino e Língua Portuguesa (PBL2) para surdos? O professor de PBL2 precisa adaptar as suas aulas e os materiais utilizados nela. Daí a necessidade de se rever as abordagens e metodologias do ensino de LP escrita como segunda língua. A LP não será mais na modalidade oral, mas sim na escrita. O foco será na leitura e escrita do PBL2 e isso possibilitará que os aprendizes desenvolvam habilidades para produzirem textos autênticos na segunda língua.

O trabalho com construções, principalmente as idiomatizadas, abre um leque de possibilidades de leitura e escrita dos educandos surdos. Os itens/ padrões da L2 e as possíveis combinações podem ser inseridas no trabalho no nível da leitura/produção textual na L2, associando com abordagens de (multi) letramentos, multimodalidades e hipertexto.

A fim de propor um ensino de PBL2 para surdo que abarque todas as especificidades deste grupo, Freitas Jr, propõe dois submodelos para planos de aula que são o esquema A e o esquema B. Observe:

Quadro 2 - submodelos para planos de aula

Quadro 1: Propostas para estruturação de unidades didáticas

(ESQUEMA A)	(ESQUEMA B)
Pré-Leitura	Pré-Leitura
Leitura - Texto 1	Leitura - Texto 1
Foco Construcional (Gramatical)	Foco Construcional (Gramatical)
Foco Construcional (Lexical)	Foco Construcional (Lexical)
Prática de Escrita - nível sintático	Prática de Escrita - nível sintático
Prática de Escrita - nível textual	Leitura - Texto 2
Dialogando	Foco Construcional (Gramatical)
Discutindo Metalinguagem	Foco Construcional (Lexical)
Pós-Leitura	Prática de Escrita - nível textual
Auto-testagem	Dialogando (Texto 1 & Texto 2)
	Discutindo Metalinguagem
	Pós-Leitura
	Auto-testagem

Se observarmos este quadro detalhadamente, perceberemos que os esquemas oferecem muitas possibilidades para o trabalho de leitura do texto multimodal e também as múltiplas formas de letramentos, sem excluir o trabalho metalinguístico que a escola aborda.

A partir destas propostas, fica claro que sem uma formação completa e com o material didático inadequado, não há condições de ofertar um trabalho eficaz no ensino de L2 para

surdo. A elaboração de material didático específico é imprescindível no ensino de PBL2 e, para isso, o professor tem que conhecer as especificidades do seu alunado e saber conduzir este trabalho respeitando o percurso gradiente, a proficiência do aprendiz, o tamanho e o tipo dos textos.

O professor de Português (L1), por não saber os princípios da Libras e da educação bilíngue para surdos, não consegue traçar estratégias para o ensino de PBL2, ou seja, o trabalho com os surdos não é desenvolvido corretamente. Ele não consegue contribuir para a formação de seus alunos surdos. Sendo assim, cabe aqui fazer uma pergunta: como a formação do professor pode propiciar o processo de ensino-aprendizagem dos surdos na escola regular?

De acordo com Soares (2020) a especialização dos profissionais que lidam com a população surda deve observar aspectos relativos à grande área de investigação sobre aquisição de primeira e de segunda língua. Conhecer as especificidades do sujeito surdo e entender como o processo de aprendizagem de uma segunda língua se dá, contribuem para elaborar uma metodologia que visa a falta de conhecimento prévio da língua alvo por parte desse alunado. Ou seja, a formação do professor para atuar na Educação Inclusiva é voltada para prepará-lo para outra forma de educar. Essa formação deve ser compreendida como uma construção contínua de saberes e aptidões. Deve se nortear na reflexão e no questionamento constante sobre a própria prática, procurando sua ressignificação e reconstrução, percebendo sempre os princípios da inclusão e do respeito às diferenças.

Partindo desse ponto crucial, o nosso olhar sobre o ensino de PBL2 para surdos deve contemplar não só a formação inicial, como também a formação continuada desses profissionais. Desta forma, o despreparo, a angústia e o sentimento de incapacidade não permearão o ambiente sala de aula. Será?

Se o fracasso escolar dos alunos surdos está associado à falta de preparo dos professores, sim, tudo estará resolvido. Mas ainda há outras barreiras: o currículo, o material didático adotado e o domínio da L1. Essas barreiras são complexas, pois incidem em metodologias cheias de lacunas.

Para que o aluno surdo consiga compreender a leitura e a escrita da L2, é preciso que ele domine a sua L1, a saber, a Libras, pois esta mediará o ensino da PBL2. Esse fator, aliado aos que mencionamos anteriormente, acarretam um *déficit* na educação destes alunos. Ensinar uma segunda língua requer metodologias e didática adequadas. Respeitando as especificidades do aluno, pois a segunda língua a ser aprendida deve ser na modalidade

escrita. Essa diferença de modalidade (oral e escrita) é fator que difere o ensino de PB para surdos e ouvintes.

É primordial também que esse profissional tenha algum conhecimento gramatical da língua de sinais para que ele possa especificar os pontos distintos entre as duas línguas. Para isso, ele deve ter uma formação completa, tanto inicial, quanto continuada. Se esta não for a realidade para os futuros professores e os que já estão em exercício, como poderão suprir seus planos de aula com conteúdos, estratégias e metodologias adequadas para o ensino de segunda língua?

Esperamos que esse profissional, além de ser especialista em Letras, entenda o processo de aquisição de L2 e seja apto para elaborar os materiais didáticos de modo a suprir as necessidades dos aprendizes. Esperamos também que o professor seja um motivador e facilitador do processo de leitura de L2 em que esses aprendizes serão inseridos.

Antes de falarmos em leitura em L2, tomemos, *a priori*, o conceito de leitura. Sob a perspectiva linguística, a leitura é um processo no qual o leitor aprende a reconhecer e a organizar as informações, de acordo com o que é ou não importante no texto. Desta forma, a leitura não se resume à compreensão literal do texto, mas sim, a compreensão por inferência. E mais, o significado de um texto está também no leitor que, em sua leitura, cria um novo texto, interligado aos seus conhecimentos prévios, tanto linguísticos quanto extralinguísticos. Partindo dessa perspectiva, ao longo do processo de leitura, não só o texto passa por uma mudança, como também o leitor, pois ele adquire um novo conhecimento ao reconstruir o texto.

O leitor deve recorrer simultaneamente a diferentes níveis de leitura para chegar ao significado e, para tal, ele deve usar, principalmente, seu conhecimento do mundo, sua cultura, seu sistema de valores e seu domínio das estruturas linguísticas. Outro ponto pertinente é que o leitor não deve permanecer passivo durante a leitura, ou seja, ele deve fazer previsões, formular hipóteses sobre o significado do texto, hipóteses que podem ser confirmadas ou refutadas, no decorrer da leitura.

Sendo assim, ler não significa entender cada palavra, mas sim, apreender o sentido global em um processo que envolve várias estratégias e técnicas. Por exemplo, o leitor pode, a partir de seu conhecimento de mundo e de certas “pistas” expostas no texto, predizer, antecipar e refletir sobre o assunto do mesmo. Dessa forma, torna-se consciente do que ele sabe, não sabe e quer saber sobre esse tema.

A leitura propicia também, o senso crítico e a reflexão, leva o aprendiz à sua liberdade e autonomia e, ao mesmo tempo, possibilita uma participação maior do indivíduo em seu

meio, pois oferece a oportunidade de ter contato com visões diferenciadas do seu contexto, como também dos outros contextos socioculturais. Esses movimentos os preparam, de modo consciente, para a ação crítica, portanto, transformadora.

Quanto à cognição, a leitura é um processo ativo de construção mental em que a informação dada pelo cérebro é muito maior que a informação que este recebe dos olhos. Esse processo reverte a condição do aluno que antes era uma "tabula rasa" e agora o seu conhecimento prévio se destaca pela sua importância. Na prática, toda experiência que este aluno acumulou estaria de tal forma organizada que a cada experiência nova vivida, estaria fundamentada em uma 'teoria de mundo', ou seja, há uma teoria para cada experiência nova.

Quanto ao processamento da leitura, há dois tipos básicos que são: o processamento TOP DOWN (do todo para as partes) e o processamento BOTTOM UP (das partes para o todo). Na perspectiva tradicional, o professor privilegiaria o processamento BOTTOM UP onde parte da identificação de letras e palavras para depois chegar a uma compreensão do todo do texto. A partir dessas observações, entende-se que a leitura proficiente não privilegiaria um ou outra forma de processamento, mas sim a interação dos vários níveis de análise do processamento de informações.

Trabalhar a leitura em segunda língua é uma tarefa que requer tempo e técnicas eficientes, pois temos visto alunos apresentarem falta de proficiência na leitura em língua materna. Ao aprenderem uma L2, esses aprendizes somam a ineficiência da leitura em língua materna ao contato com um novo código verbal o que culminará no baixo desenvolvimento da habilidade de ler na L2. Se os professores se concentrarem mais no código do que no conteúdo que as várias combinações veiculavam, essa dificuldade não será resolvida. Outro fator importante é que o texto muitas vezes serviu como meio de ensino das estruturas e vocabulário, ou limitou-se a agrupar sentenças que utilizavam exaustivamente um ponto gramatical anteriormente trabalhado.

Ao considerar a leitura de PBL2 para surdo, não se deve valorizar a prática de leitura dos textos em voz alta para os alunos, pois essa prática não condiz com as especificidades deste grupo. Muitos professores, visando desenvolver um trabalho sistemático de prática de pronúncia, optam por esta técnica, mas que na realidade é ineficiente porque a LP como segunda língua do surdo é ensinada na modalidade escrita, no entanto, todo trabalho na LA deve estar centralizado nessa especificidade.

A leitura tanto na língua materna, quanto na LA, não deve ter como objetivo a testagem do conhecimento de vocabulário e aspectos secundários do texto, isso requer por parte do aluno um nível de compreensão detalhado. O ensino de segunda língua deve

compreender um processo interativo que permita a identificação das características da leitura e da escrita do português como L2.

É necessário também intervenções pedagógicas para propiciar o desenvolvimento de habilidades de leitura e de escrita. O professor deve compreender os fatores que dificultam a aquisição do português por surdos para fornecer contribuições para o ensino de LP com aportes teórico-metodológicos e estratégias na área de ensino e aprendizagem de português para surdos.

Ensinar o português para surdos requer metodologias, estratégias e didáticas que focalizem o ensino da leitura e da escrita e o desenvolvimento de habilidades comunicativas por meio da interação não só entre professor e o aluno surdo, mas também entre os demais alunos ouvintes da escola. Tais ações visam uma melhor compreensão leitora e produção escrita dos surdos em português, pois são imprescindíveis para a elaboração de trabalhos e para a comunicação.

Assim, a concepção de leitura adotada neste trabalho é a de Moita Lopes (1986, p. 140), segundo o qual o ato de ler é visto como um processo que envolve tanto a informação encontrada na página impressa, um processo perceptivo de decodificação, como a informação que o leitor traz para o texto, seu pré-conhecimento, um processo cognitivo e social. Desta forma, ler é um processo que não se restringe somente à decodificação de signos impressos, mas envolve a capacidade de interação do leitor com o mundo que o cerca, atribuindo sentido aos textos que lê, relacionando-os com o contexto e com as suas experiências prévias.

Em se tratando dos aprendizes surdos, a dificuldade em compreender a leitura está na dificuldade de compreender os conceitos, os contextos e as situações de uso da língua para conseguirem estabelecer relações. Outra barreira encontrada é a falta da compreensão comunicativa em sua língua, a Libras, que dificulta o estabelecimento de relações entre os textos escritos em PBL2 e a língua de sinais, isso gera a necessidade de mediação de um intérprete que o auxilie na apropriação de habilidade de leitura e de escrita.

Dominar a escrita envolve também o domínio de regras da língua, de conhecimentos textuais e conhecimentos de mundo, esses são adquiridos por interações sociais enriquecidas pela prática de leitura que, por sua vez, constitui a base fundamental para a escrita. Logo, reafirmamos a necessidade da interação de surdos e ouvintes bilíngues no processo de educação de modo a possibilitar a aquisição e desenvolvimento de habilidades de leitura e da escrita do português por esses alunos, visto que a maior dificuldade dos surdos ao produzir seus textos reside na dificuldade do uso de palavras de ligação, tais como: verbos, conjunções, alguns pronomes e preposições.

O papel do professor no processo de leitura e escrita se desenvolve na ação conjunta com seus alunos, pois juntos, constroem significados mais amplos e complexos e desenvolvem técnicas para compreender e interpretar a realidade. Esse processo de ensino é recíproco, pois o aluno assume um papel ativo e o professor assume o papel de modelo de como mediar e solucionar problemas, construindo um sentido para o que se lê.

Sendo assim, o surdo pode demonstrar ser capaz de relacionar o conteúdo do texto com seu conhecimento prévio e linguístico por meio da Libras, praticando a leitura com foco no sentido e não somente uma leitura literal onde elucida o tema e as ideias principais do texto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, procuramos apresentar o conhecimento linguístico de surdos usuários de Libras e PB com o intuito de buscar evidências, na escrita espontânea, sobre a representação das construções e sobre os processos que atuam em sua produção. O interesse pela aquisição de segunda língua por surdos visa descrever e explicar como interferências de construções da L1 podem impactar o uso da L2 escrita.

Este trabalho refletiu sobre a compreensão e produção das construções idiomáticas nas práticas de escrita em L2 dos surdos em redes sociais. Fundamentada na checagem das categorias propostas por Freitas *et al.* (2018), observando os dados à luz da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Gramática de Construções Diassistêmica para revelar o que o usuário sabe da LA, ou seja, sua familiaridade com construções do português escrito.

Observamos o conhecimento linguístico do surdo sob a perspectiva das experiências de uso que esses indivíduos fazem da linguagem em suas interações no ambiente virtual. Para esse fim, este estudo partiu das perguntas de pesquisa que pretendemos responder com a investigação de **enunciados de felicitação e de expressão de desejo**, escritos por surdos em ambientes de uso externos à sala de aula.

Buscamos respostas às seguintes **perguntas de pesquisa**: (i) fora da escola, em situações de uso real do PB, como surdos usam construções de alta frequência nessa língua? Observamos que, muitas das vezes, esse público apresenta dificuldades no uso das construções da LA. Contabilizamos 89 (oitenta e nove) construções com inadequações, correspondendo a 66% dos dados coletados. Os dados que não apresentaram inadequações correspondem a 34% (46 dados sem inadequações).

Dos enunciados analisados, a felicitação apresentou maior índice de inadequações, mas os dados referentes a este enunciado sobrepõem (107 dados) aos dados dos enunciados de desejo (28 dados). O alto índice de ocorrências das categorias apagamentos, trocas e inserções indevidas de itens lexicais e gramaticais comprovam essas dificuldades. (ii) sendo o gênero postagem em redes sociais uma instância cotidiana de uso do PB escrito, em que se podem observar tipos de construções com função de felicitação e de expressão de desejo, o que a produção escrita que materializa tais intenções pode revelar sobre a representação da gramática? A produção escrita por surdos, nesta pesquisa, nos revela que a gramática, as construções desses aprendizes estão em competição. Essas construções não ganharam força, pois estão armazenadas com outras construções, inclusive da sua L1. E, (iii) as construções

consideradas mais idiomatizadas neste estudo apresentam os mesmos oito tipos de inconsistências encontradas nos textos escritos a partir de atividades simuladas, analisados em Freitas *et al* (2018)? Sim. Embora os textos analisados nesta pesquisa sejam genuinamente informais, observamos que as construções apresentam as mesmas inconsistências dos textos (formais e informais) analisados no artigo basilar. Algumas inconsistências em maior grau e outras em menor grau. Portanto, foram identificados dados que se enquadram perfeitamente nas categorias propostas por Freitas *et al.* (2018).

Tanto o surdo, quanto o ouvinte, aprendizes de uma segunda língua, podem apresentar alterações na produção escrita, visto que são sujeitos em contato com duas línguas de naturezas distintas. É mister que todos os usuários de uma língua conheçam a diferença entre as duas línguas para efetivar uma escrita mais adequada. No caso do surdo, é necessário ter um contato maior com a escrita, já que o processo de seu aprendizado e apropriação é um pouco diferente do processo dos ouvintes, pois, o foco é na escrita e não na fala (oralização). Como o sujeito surdo, muitas vezes, tem pouca exposição à Língua Portuguesa, ele não domina a LA, o ensino de PBL2 do surdo deve contar com recursos, pensados a partir das categorias checadas, que facilitem o seu aprendizado, isto é, o surdo precisa ter um contato mais expressivo com materiais desenvolvidos para o ensino deste grupo.

Sendo assim, após as análises, observamos que a identificação e categorização dos problemas recorrentes na escrita surda podem ser sanados mediante propostas simples, porém, eficazes, baseadas nas observações resultantes das checagens das categorias do artigo de Freitas, *et al.* (2018). Desta forma, a pesquisa pode auxiliar em futuras pesquisas, propostas de metodologias e materiais para de ensino de L2 de surdo.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial. 2007.
- BAALBAKI, A. C. F. Entre direito e vontade: a reivindicação de surdos por uma educação bilíngue. **Cad. Letras UFF**, Niterói, v. 29, n. 57, p. 155-172, 2o semestre, 2018.
- BAALBAKI, A. C. F. *et al.* Oficinas para professores: português como segunda língua para alunos surdos. **Rev. Ciênc. Ext.** v.12, n.1, p.129-145, 2016.
- BARRETO, S. O. G, MARCILESE, M., OLIVEIRA, A. J. A. Idiomaticidade, familiaridade e informação prévia no processamento de expressões idiomáticas do PB. **Revista Letras Hoje**, v. 53, n. 1, p. 119-129, jan.-mar. 2018
- BERNARDINO, E. L. A construção da referência por surdos na Libras e no português escrito: a lógica no absurdo. Unpublished master Thesis. UFMG, Belo Horizonte, MG, Brazil, 1999.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEF.
- BRITO, L. T. A., VIEIRA, D.D., SOUZA, J.M. R. O funcionalismo e o ensino de gramática: contribuições para a prática pedagógica do professor de língua portuguesa. s/d
- BROWN, H. D. Principles of Language Learning and Teaching. New Jersey: Prentice Hall Regent, 1994.
- BYBEE, J. Language, usage and cognition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P., ELLIS, N. C. Handbook of cognitive linguistics and second language acquisition. New York: Routledge, 2008 Disponível em:
<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.unm.edu/~jbybee/downloads/Bybee2008UBGandSLA.pdf&ved=2ahUKEwjc-6C709DtAhXyLLkGHeWRDjgQFjABegQIBhAB&usg=AOvVaw19ALgjdGkWfJcs4cS7Ha02&cshid=1608058370387> Acesso em: 01/02/2020
- CEZARIO, M. M., CUNHA, M. A. F. Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad X : FAPERJ, 2013.
- DUARTE, A. S., PADILHA, S. J. Relações entre língua de sinais e língua portuguesa em materiais didáticos: a notação pelos números semânticos. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br]. Edição Especial Comemorativa.
<https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21492>.

EDUCAÇÃO, Da. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm Acesso em: 02/02/2020

ELLIS, N. C., SIMPSON-VLACH, R. I. T. A., MAYNARD, C. Formulaic language in native and second language speakers: Psycholinguistics, corpus linguistics, and TESOL. **TESOL quarterly**, v. 42, n. 3, p. 375-396, 2008.

FREITAS JR, R., NASCIMENTO, J. P. S. Aquisição e ensino de pbl2 de surdos: um estudo de caso sobre a hipótese do choque construcional na interlíngua, in **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas** [livro eletrônico] / organização: Roberto de Freitas Junior, Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento. – RJ: UFRJ, 2020.

FREITAS JR, R. Por uma Abordagem Construcional e Aplicada de Ensino de PBL2 para Surdos: Integrando a GCBU aos PCNLE e às OCEMLE. In: **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas** [livro eletrônico] / organização: Roberto de Freitas Junior, Lia Abrantes Antunes Soares e João Paulo da Silva Nascimento. – RJ: UFRJ, 2020.

FREITAS JR, R. *et al.* “Será um grande aprendizado”: uma análise descritiva dos aspectos linguísticos da escrita de surdos em PBL2 –interfaces entre textualidade, uso e cognição no estado de interlíngua. **Pensares em revista**, n. 12, 2018.

FREITAS JUNIOR, R., MARQUES, P. M. Sobre links e herança construcional: uma revisão à luz da interrelação entre as construções núcleo-complemento, transitiva básica e monoargumental inacusativa. **SOLETRAS**, n. 37, p. 204-223, 2019.

GARCIA, R. M. C. Discursos políticos sobre inclusão: questões para as políticas públicas de educação especial no Brasil. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, v. 27, p. 1-17, 2004. Disponível em: <http://27reuniao.anped.org.br/gt15/t1510.pdf>. Acesso em: 06/07/2021

GOLDBERG, A. Compositionality. In: N. Riemer (ed.). *Routledge Semantics Handbook*, 2016 (p. 419-430).

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006

GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: Chicago University Press, 1995.

GOLDBERG, A. E. *Constructionist Approaches in: HOFFMANN, T. and TROUSDALE, G. The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford University Press. 2013.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its Application to English*. Edinburgh Textbooks on the English Language – Advanced, 2014.

HILPERT, M. (2019). *Construction grammar and its application to English*. Edinburgh University Press.

HÖDER, S., PRENTICE, J., TINGSELL, S. Additional language acquisition as emerging multilingualism. *Constructions in Contact 2: Language change, multilingual practices, and additional language acquisition*, v. 30, p. 309, 2021.

HÖDER, S. Grammar is community-specific: Background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. *Constructions in contact. **Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages***, p. 37-70, 2018.

HÖDER, S. *et al.* MULTILINGUALISM AND DIASYSTEMATIC CONSTRUCTION GRAMMAR-Interview with Dr. Steffen Höder. *Revista Diadorim*, v. 23, n. 1, p. 34-43.

HOFFMANN, T., TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford University Press. 2013. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024: Linha de Base. – Brasília, DF: Inep, 2015. Disponível em: <http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 06/07/2021

KEMMER, S., BARLOW, M. Introduction: A usage-based conception of language. **Usage-based models of language**, p. 7-28, 2000.

LIMA-SALLES, H. M. M., PIRES, L. C. Desenvolvimento linguístico na aquisição de português L2 (escrito) por surdos: a estrutura do sintagma nominal. *Revista da ABRALIN*, v. 10, n. 3, 2011.

LIMA-SALLES, H. M., MESQUITA, A. C. R., DA SILVA, R. C. J. Enunciados inferenciais e estrutura gramatical na interlíngua de surdos aprendizes de português L2. *Revista Espaço*, n. 44, 2015.

LUCENA, N. L. Processos cognitivos de domínio geral: evidências em instanciações da construção transitiva. *Letrônica*, v. 10, n. 2, p. 567-581, 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/> Processos cognitivos de domínio geral: evidências em instanciações da construção transitiva General-domain process: evidence in instantiations of transitive construction Nedja Lima de Lucena1 Acesso em: 06/07/2021

MARTELOTTA, M. E., AREAS, E. K. A visão funcionalista da linguagem no século XX. CUNHA, MAF da; OLIVEIRA, MR de; MARTELOTTA, ME **Linguística funcional: teoria e prática**. Rio de Janeiro: FAPERJ: DP&A, p. 17-28, 2003.

MELO, M. A. L., DE FREITAS JUNIOR, R. Aquisição de Linguagem e Modelos Baseados no Uso. *Aprendizes Surdos e Escrita em L2: Reflexões Teóricas e Práticas*, p. 23.

MESQUITA, A. C. R. *et al.* A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2). 2008. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/1036/1/2008_AlineCamilla%20RomaoMesquita.pdf. Acesso em: 09/07/2021.

MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada: A natureza social e educacional dos processos de ensino /aprendizagem de línguas*. Campinas, Mercado das Letras, 1986.

NASCIMENTO, J P. S. A escrita infantil de surdos de primeira geração: um estudo cognitivo-funcional sobre o recrutamento de processos mentais de domínio geral na aquisição de PBL2. Monografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. 92 fl, 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/6230>.

NASCIMENTO, J. P. S., SOARES, L. A. A., DE FREITAS JUNIOR, R.. Os bastidores da escrita: análise cognitivo-funcional de processos cognitivos operantes na aquisição de PBL2 por surdos bilíngues. **Revista Diálogos**, v. 7, n. 2, p. 143-155, 2019.

OLIVEIRA, D. L. Estrutura da informação em Gramática de Construções Baseada no Uso: o caso da construção pseudoclivada. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 179-206, 2018.

OLIVEIRA, M. R., LOPES, M. G. Desafios teóricos e empíricos na Linguística Funcional Centrada no Uso. **Revista Odisseia**, v. 4, n. Esp., p. 22-40, 2019.

OLIVEIRA, A. S., PRATA, N. P. P. Os aspectos semânticos na expressão da modalidade volitiva nos discursos do Papa Francisco em língua espanhola. **Revista Gatilho**, v. 19, n. 02, 2020.

PAIVA, V. L. M. A linguagem dos emojis. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 55, p. 379-401, 2016.

PAIVA, V. L. M. Aquisição de segunda língua. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

PINHEIRO, D., FERRARI, L. Linguística funcional, linguística cognitiva e gramática de construções: mapeando o campo das abordagens cognitivo-funcionais. **Revista Linguística**. 2020. v16, nEsp. Edição Especial Comemorativa. <https://doi.org/10.31513/linguistica.2020.v16nEsp.a21492>

PINHEIRO, D. Sintaxe construcionista. *Sintaxe, sintaxes: uma introdução*. São Paulo: Contexto, p. 163-183, 2015. Org. Gabriel de Ávila Othero e Eduardo Kenedy

PINHEIRO, D. Um modelo gramatical para a linguística funcional-cognitiva: da Gramática de Construções para a Gramática de Construções Baseada no Uso. *Linguística Cognitiva: dos bastidores da cognição à linguagem*. Campos: Brasil Multicultural, p. 20-40, 2016.

QUADROS, R. M; KARNOPP L. B. Língua brasileira de sinais: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M., PIZZIO, A. L., REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I**. Florianópolis, 2009.

SAMPAIO, T. Coerção Aspectual: uma abordagem linguística da Percepção do Tempo. 2015. 398f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/linguistica/my_keywords/coercao/ Último acesso: 04/10/2021

SANTOS, A. P. S. Libras: aspectos linguísticos e estruturais: aspectos gramaticais e sentenças em libras Disponível em:
https://livrodigital.uniasselvi.com.br/MAT52_lingua_brasileira_de_sinais_libras/idade2.html?topico=3 Último acesso: 04/10/2021

SELINKER, L. Interlíngua. **Revista Diadorim**, v. 22, n. 1, p. 275-295, 1972.

SOARES, L. A. A. A emergência de um sistema de competidores: um estudo cognitivo-funcional dos processos mentais subjacentes ao desenvolvimento do PBL2 em surdos universitários. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Instituto de Letras. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. DOI: 10.13140/RG.2.2.33997.79847.

SOARES, L. A. A. O cloze como indicador do desenvolvimento linguístico e da representação emergente do português brasileiro. **Revista da ABRALIN**, v. 19, n. 3, p. 880-908, 23 dez. 2020. DOI 10.25189/rabralin.v19i3.1743.

SOARES, L. A. A., NASCIMENTO, J. P. S. Evidências sobre a representação cognitiva de construções funcionais do PB em crianças e adultos surdos. **Revista Linguística**, v. 16, número 2, 2020.

SOUSA, G. C., GARCIA, D. M. Construcionalização e mudança construcional de locuções conjuntivas em português: o caso de 'na hora que'. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 232-250, 2018.

TENANI, L. Texto e gramática: relações a partir de usos de vírgulas *in* Texto e gramática: novos contextos, novas práticas. Organizadores: Marcos Luiz Wiedemer e Mariangela Rios de Oliveira. 1. ed.– Campinas, SP : Pontes Editores, 2021. p. 115

TENANI, Luciani. Pausa é vírgula? Vírgula é pausa? Pausa na fala não necessariamente implica vírgula na escrita. Disponível em: <http://www.roseta.org.br/2020/05/06/pausa-e-virgula-virgula-e-pausa/> Acesso em: 02/10/2021, s/d.

TRAUGOTT, E. C., TROUSDALE, G. Construcionalização e mudanças construcionais. Tradução de Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2008.